

3

O Espírito que vivifica na pneumatologia de Víctor Codina

A comunicação de Deus à humanidade através da história do seu Povo e do acontecimento *Jesus Cristo*, interpretada sob a inspiração do Espírito, denomina-se Revelação. Mas, se acreditamos que Deus continua presente, agindo na história e se comunicando com a humanidade de todos os tempos, como entender o silêncio de Deus, vinculado ao fim da era apostólica?

Neste capítulo, contemplam-se os acontecimentos que cercam o encontro de Deus com a humanidade, da fase bíblica ao tempo da Igreja, destacando nas experiências e manifestações do Espírito Santo, os elementos que constituem a fé cristã no Espírito Santo e fundamentam a pneumatologia de Víctor Codina.

O Espírito se dá a conhecer nas Escrituras, mas não temos consciência de sua dimensão pessoal. Devido ao seu caráter anônimo, impessoal e difuso, está sempre rodeado de mistério e silêncio, revelando-se a dimensão obscura de Deus, oculta, impalpável, kenótica²¹⁶. Sua ação eficaz e discreta na história é revelada através de símbolos fluídos e impessoais, mas carregados de dinamismo e de força, como o vento, o fogo, a água, a unção com o óleo, a nuvem, o perfume, conforme veremos a seguir.

3.1.

Uma abordagem simbólica do Espírito Santo

O Espírito que dá a vida se dá a conhecer através de suas manifestações na história que foram consignadas nas Escrituras, pelos autores inspirados. Os acontecimentos que testemunham a presença e a ação da *Ruah* nos oferecem um conhecimento objetivo do Espírito, dentro de um processo evolutivo.

O **vento** que sopra onde quer (Jo 3,8) é a imagem mais apropriada para se falar do divino invisível, incontrolável, fluído. Em hebraico, *Espírito é Ruah*²¹⁷, sopro, vento, ar, hálito. A *Ruah* de lahweh é o hálito, a respiração, o alento de Vida que Deus insuflou no barro amassado e o ser humano se tornou um vivente (Gn 2,7)²¹⁸. O caráter imaterial e impessoal da *Ruah* sugere intimidade, circulação e a comunicação do Espírito que se difunde, enche todo o universo e faz viver. O Espírito de vida que tudo vivifica, ressuscita ossos dispersos (Ez

²¹⁶ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu*. Una iniciación a la Pneumatología. Santander: Sal Terrae, Colección: Presencia Teológica, v. 166, 2008, p. 27.

²¹⁷ Traduzida como *sopro*, a palavra hebraica *ruah* é um substantivo feminino que transmite um realismo que o termo *espírito* não sugere com a mesma clareza.

²¹⁸ CODINA, V. *Elementos para una antropología pneumática*. In *Revista Latino-Americana de Teología*, n. 84, 2011, pp. 298-321.

37,1-10), move a história para Jesus e para o Reino²¹⁹. *Ruah* é sopro vital que lahweh infunde ao modelar o ser humano (Sb 15,11), alento de vida do Ressuscitado, vendaval que enche a casa e o grupo apostólico²²⁰ reunido (At 2,2). O vento expressa a vitalidade e a força invisível de Deus, sua ação criadora e vivificadora no mundo e na história. O Espírito é vento de liberdade e fonte de vida²²¹. Na Bíblia, a *Ruah* é a animação de um corpo, princípio de ação que age e faz agir em prol dos desígnios divinos na história²²².

O **fogo** fala do Espírito Santo. Diante da sarça em chamas, Moisés se reconhece diante de lahweh e se põe a ouvi-lo (Ex 3,3). Ao batizar com água, João anuncia o batismo com o Espírito e com o fogo (Mt 3,11; Lc 3,16). Jesus vem trazendo o fogo que purifica e abrasa os corações (Lc 12,49)²²³.

Em labaredas o Espírito desce sobre o grupo apostólico e o capacita para o anúncio de Jesus Cristo (At 2,1-4). Esse fogo fala de luz, força, energia, calor que aquece e faz arder o coração; fala da capacidade de comunicação, do princípio de comunhão e de seu dinamismo interno de amor e vida²²⁴. Fala do mistério intocável que assume e transforma em si tudo o que toca e envolve. O fogo do Espírito que acompanhou o Povo na travessia desértica (Ex 13,21) conduz, abrasa e ilumina a Igreja (At 2,3).

A **água**, que purifica cura e vivifica, é derramada sobre o povo. O rio que brota no templo e fecunda suas margens é sinal da bênção. lahweh habita no meio do seu povo (Ez 47,1-12) e engendra um novo coração (Ez 36,25-28).

A água que purifica (Is 1,18; Sl 51,9; Mc 7,3-4; Jo 2,6) é dom oferecido à samaritana (Jo 4,10-14) que jorra para a vida eterna. É sabedoria que revela a vontade de Deus, que jorra de sua total entrega (Jo 19,34), é manancial do Espírito que jorra do coração do Ressuscitado (Jo 7,37-39). Com esse simbolismo, o autor sagrado fala da vida, da força e da fecundidade do Espírito. Deus nos oferece a água da vida que transforma o mundo ressequido e estéril em terra produtiva. É a vida do Espírito que recebemos nas águas batismais²²⁵.

Víctor Codina acentua o dinamismo do Espírito que fecunda e renova a vida espiritual, a vida humana, a vida da natureza, e tudo quanto vive e respira. A *Ruah* sobrevoa as águas primordiais (Gn 1,2) e tudo vivifica.

²¹⁹ Cf. CODINA, V.; IRARRAZAVAL, D. *Sacramentos da Iniciação. Água e Espírito de Liberdade*. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 135.

²²⁰ O grupo dos doze com algumas mulheres, entre as quais Maria, e seus irmãos (At 1,13-14).

²²¹ Cf. VIVES, J. *Apud* CODINA, V. *No extingáis el Espíritu*, p. 28.

²²² Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, Coleção: Creio no Espírito Santo, v. 1. 2009, p. 18.

²²³ Cf. CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo: Pneumatología narrativa*. Santander: Sal Terrae, Colección: Presencia Teológica, 78, 1994, p. 189.

²²⁴ Cf. Id. *No extingáis el Espíritu*, p. 29.

²²⁵ Cf. *Ibid.*, p. 30.

No tempo de Noé, a água de lahweh recria a humanidade corrompida (Gn 7,17). João batiza na água, mas prepara a chegada do Messias, que batizará na água e no Espírito. O símbolo da vida no AT é símbolo do Espírito no NT.

A **unção com o óleo**²²⁶ é sinal do Espírito, do qual são revestidos os reis de Israel para governar conforme o direito e a justiça (Sl 72,1-2). Ao ser ungido, o Espírito de lahweh precipita-se sobre Davi e o consagra (1Sm 13,14; 16,12-13) como Messias²²⁷. Saindo do Jordão, pleno do Espírito, Jesus é conduzido pelo deserto (Lc 4,1) e na Galileia (Lc 4,14) se reconhece publicamente portador da unção do Espírito, prometida por lahweh e anunciada pelos profetas (Lc 4,21), que o engaja na missão de transformar o mundo desfigurado em um mundo livre de toda exclusão e opressão²²⁸. Este Jesus é reconhecido como *o Cristo* (Mt 27,17.22) e passa a vida fazendo só o bem (At 10,38).

Codina enfatiza o significado bíblico da unção, vinculada à função messiânica (Is 61,1), como força do Espírito que consagra para a missão de promover o direito e a justiça em favor dos pobres e oprimidos.

O Espírito dado ao Messias é infundido naqueles que assumem a missão cristã. O autor insiste na relação íntima entre a ação do Espírito, o messianismo jesuano e a vida eclesial, um triângulo onde a corresponsabilidade e a reciprocidade estabelecem a comunhão e geram vida nova.

A Sagrada Escritura fala da presença e da ação do Espírito na corporeidade da **pomba**²²⁹. Ela anuncia que a Terra tornara-se habitável (Gn 8,11); no batismo de Jesus o Céu se abre, o Espírito desce sobre Ele em forma de uma pomba e do Céu ouve-se: “Tu és o meu Filho; eu hoje te gerei!” (Lc 3, 21-22). O simbolismo da pomba revela aspectos da misteriosa presença, sua pureza, leveza, agilidade, ternura, sensibilidade e paz (Mt 10,16). “O Espírito de lahweh esvoaçava²³⁰ sobre as águas” (Gn 1,2). O texto não menciona a pomba,

²²⁶ O óleo simboliza vigor, força, cura, eleição. Na Grécia antiga os atletas untavam-se com óleo para tonificar os músculos, dar vigor e beleza ao corpo. Os povos antigos usavam o óleo para curar feridas. A Escritura se refere ao óleo sagrado da unção, em hebraico, utilizando as palavras *shemen* (óleo), *qodesh* (separado para Deus, sagrado), e *mishchah* (consagração, unção para consagrar). A unção com o óleo sagrado de objetos, lugares e pessoas indica sua especial consagração a Deus, separados e santificados para Ele.

²²⁷ Messias é um conceito judaico em referência à profecia da vinda de um descendente de Davi, que deveria restaurar o seu reino. Em hebraico *Mashia*, se traduz por *ungido*. Em grego, *Cristo* quer dizer o *ungido*. *Unção-eleição* de alguém escolhido por lahweh para uma missão. Os reis de Israel prefiguram o Messias que devia vir, tornando-se o título por excelência do futuro Rei, que o NT atribui a Jesus Cristo.

²²⁸ Cf. CODINA, V. *Op. cit.*, p. 30.

²²⁹ A pomba não simboliza o Espírito no AT, nem entre os rabinos. O dom do Espírito aos profetas era muitas vezes representado por um mensageiro celeste alado. A pomba, que é mensageira, representa o povo eleito ao qual se destina o Espírito. Na tradição cristã, a pomba torna-se símbolo do Espírito Santo (cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito*, p. 28).

²³⁰ O livro do Gênesis diz que a *Ruah* de Deus agitava as águas, referindo-se ao esvoaçar da ave que se agita no ninho para ventilar os ovos ou os filhotes. Símbolo da fecundidade da *Ruah* sobre

mas faz referência a seu voo, imagem implícita que está em relação à pomba que voa sobre as águas remanescentes do dilúvio.

A **nuvem** faz parte do quadro das teofanias. Israel reconhece na nuvem a presença de lahweh que caminha com ele (Ex 13, 21-22), o guia pelo deserto (Ex 40, 34-38), fala com Moisés no Sinai (Ex 24,15-18; 33,9-10). O poder do Altíssimo cobre Maria com sua sombra e o Verbo se faz carne (Lc 1,35-36). Uma nuvem cobre a montanha e Jesus transfigura-se diante de Pedro, Tiago e João e da nuvem ouve-se uma voz: “Este é o meu Filho, o Eleito; ouvi-o” (Lc 9,34-35). Diante dos discípulos, uma nuvem esconde Jesus, enquanto é elevado ao céu (At 1,9). “A nuvem simboliza o Espírito enquanto vela e revela a presença de Deus em nossas vidas, que nos acompanha, guia e fecunda”²³¹.

O **perfume** evoca a presença amorosa e agradável de lahweh (Gn 27,27; Ct 1,3.12; 4,10-11). Quem ouve a Palavra exala o bom odor de Cristo, difundido pelo testemunho (2Cor 2,14-16) que perfuma toda a casa (Jo 12,3). O Espírito é uma presença sutil que se espalha e tudo penetra, suscita o amor e a beleza. O óleo da unção do Crisma é impregnado com o aroma do bálsamo para indicar o aroma do testemunho cristão, possibilitado pela presença do Espírito²³².

Em João o Espírito é **advogado**, paráclito, defensor, o enviado pelo Pai (Jo 16,7) para que os discípulos não fiquem órfãos (Jo 14,15-18). O Espírito da Verdade²³³ permanecerá para sempre junto dos discípulos para recordar e completar o ensinamento de Jesus Cristo (Jo 14,25-26), conduzir nos caminhos da verdade, esclarecer o sentido dos acontecimentos futuros (Jo 16,12-15) e defender no tribunal do Pai contra as acusações do sedutor (Ap 12,9-11).

A Escritura fala do dinamismo do Espírito que tudo move para Jesus de Nazaré, centro e fim da história. O Espírito é amor e vida em permanente dinamismo criador e salvador. A experiência de libertação, que revela lahweh como Senhor, possibilita uma releitura histórica que surge como um desdobramento da Vontade e da Bondade de Deus e consagra lahweh como Libertador e Criador de todas as coisas.

O Espírito estimula a imaginação, que preenche o vazio teológico que cercava a Pessoa mais escondida, porém mais ativa da divindade²³⁴.

as águas iniciais, como as ondulações oxigenam a água dos charcos, onde pulula a vida. “Como a água, esvoaçando sobre o ninho, incita os seus filhotes a voar, ele estendeu as suas asas e o tomou e o carregou sobre elas” (Dt 32,11).

²³¹ CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 31.

²³² Cf. *Ibid.*, p. 32.

²³³ Espírito da Verdade é uma expressão mais usada em Qumrã onde havia oposição entre o *espírito da verdade* e o *espírito do erro*, designando as duas tendências humanas.

²³⁴ Cf. VALLÉS Apud IBÁÑEZ, A. *Rúah Santa: A Terceira Pessoa Divina*. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1994, p. 9.

3.2. O Espírito na Escritura Vétero-Testamentária

A Escritura fala da presença e da ação do Espírito de muitas maneiras, porém, como observa Codina, sempre de forma difusa. Apesar disso, é possível percebê-lo como um fio condutor de toda a trama que se desenrola entre Deus e a humanidade, na qual *lahweh* se revela, mediante suas ações e palavras.

Codina destaca a íntima relação entre o Espírito e a Escritura. O Espírito falou pelos profetas e inspirou os autores sagrados na transmissão da Palavra de Deus, feita mediante suas categorias mentais e culturais. Daqui se deduz a impossibilidade de “entendê-la sem a ajuda do Espírito Santo”²³⁵. O autor apresenta as linhas fundamentais da manifestação do Espírito, evidenciando algumas constantes²³⁶, porém, sem fazer exegese bíblica²³⁷. No Antigo Testamento, o Espírito Santo se manifesta, sobretudo, em sua dimensão criadora, profética e sapiencial.

3.2.1. O Espírito que cria

Israel reconhece *lahweh* como Criador no contexto do exílio babilônico, entre tantas aventuras e desventuras, e no contato com outras religiões e culturas que atribuem a criação da natureza à divindade, como atestam a deusa da fertilidade, a Mãe-Terra. Em Israel é muito forte a percepção da fertilidade como bênção de Deus²³⁸.

O primeiro relato da criação (Gn 1,1-2,4a) fala de Deus como o iniciador da criação, o ordenador do cosmo e o vivificador do universo. Esses atributos revelam a personalidade espiritual de Deus. A *Ruah* que adejava sobre o caos primitivo, reaparece no dilúvio (Gn 8,6-12), no batismo de Jesus (Mt 3,16; Mc 1,10; Lc 3,22) e na hora derradeira (Jo 19,30).

O Espírito é o iniciador do universo, Sopro que dá a vida, fecunda, mantém e ordena²³⁹, em oposição à terra vazia e vaga, ao caos inicial. A *Ruah* de Deus irrompe para dar início à história, sustentar e vivificar toda a criação.

²³⁵ JERÔNIMO *Apud* CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 35.

²³⁶ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 31.

²³⁷ Uma exegese bíblica do Espírito Santo pode ser encontrada na obra de: CONGAR, Y. *Revelação e experiência do Espírito.*, pp. 17-88.

²³⁸ A procriação e a maternidade na Bíblia são sinais de bênção (Gn 1,22.28). A descendência garante o status social (Jó 1,1-2; Sl 128, 3-6; Sl 144,12-13). A mulher estéril era rejeitada, banida e rebaixada socialmente.

²³⁹ Cf. CODINA, V. *Revelação e experiência do Espírito.*, p. 36.

Na dimensão geradora, vivificadora e fertilizadora, alguns autores veem a dimensão materna, feminina de Deus. Gênesis 1,1-2,4^a, destaca a ação de Deus que ao criar o homem e a mulher no sexto dia, coloca a ordem criadora no plural: *Façamos* (Gn 1,26), revelando um diálogo trinitário²⁴⁰.

No segundo relato da criação (Gn 2,4b-25) Deus se apresenta como ordenador, mas também como criador, artista, poeta. Ele modela o homem com a argila do solo e insufla em suas narinas um hálito de vida que o torna um ser vivente (Gn 2,7), um ser animado por um sopro vital, a *Ruah*. A seguir, cria a sua companheira, uma auxiliar (Gn 2,21-23). A ação do Espírito aperfeiçoa e leva ao fim a criação, vivificando tudo o que é bom e belo depois da queda, possibilitando os primeiros frutos da transfiguração escatológica. O Espírito é o próprio conteúdo do Reino de Deus. Sua função é aperfeiçoar a criação, fazer com que tudo chegue à comunhão com Deus²⁴¹.

Para Codina, a obra da criação não está concluída. Deus confia ao homem e à mulher a responsabilidade de cultivar e ordenar a terra. A ação criadora é compartilhada com a humanidade em contínua e mútua corresponsabilidade que se dá numa relação dialógica entre Deus e a humanidade, mas a ação criadora é sempre de Deus, que age misteriosamente pela sua *Ruah*.

Iahweh fez penetrar em um campo cheio de ossos secos o seu Espírito criador e os aproximou, os cobriu de tendões, carne e pele e eles viveram (Ez 37,1-10). Assim se dá na Criação inteira que geme como que em dores de parto. O ser humano, que já tem as primícias do Espírito, é socorrido em sua fraqueza. Com gemidos inefáveis, o Espírito espera ansiosamente pela libertação do cativo da morte (Rm 8,22-23.26). O Espírito que dá a vida se derrama sobre os apóstolos (Jo 20,22), sobre as primeiras comunidades (At 2) e sobre toda carne, antecipando a Nova Terra e o Novo Céu (Ap 21,1).

3.2.2. O Espírito que profetiza

O Espírito ainda não concluiu sua tarefa criativa: “Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21,5). Continua presente na história, exercendo sua missão, ligada à aliança de Iahweh com o seu povo, concretamente experimentada, sobretudo, na façanha libertadora do Êxodo, que Israel tão bem tematizou.

²⁴⁰ Cf. *Ibid.*, p. 37.

²⁴¹ Cf. CODINA, V. *Los caminos del Oriente Cristiano*. Iniciación a la teología oriental. Santander: Sal Terrae, Colección: Presencia Teológica, 91, 1997, p.77.

O Espírito age nas pessoas escolhidas por lahweh. Ele *vem sobre* ou *está sobre* alguém, como os anciãos de Israel no deserto (Nm 11,17.24-29), os juizes (Jz 3,10) e os reis de Israel (1Sm 11,6). O Espírito irrompe de modo peculiar nos profetas e profetisas que anunciam os oráculos de lahweh, recordando as promessas e a aliança celebrada com lahweh que protege, abençoa e acompanha o povo (Jr, 1,18; 4,1s; Sl 51,13).

lahweh infunde seu Espírito e forma um novo coração: “Derramarei o meu Espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão” (Jl 3,1).

O autor situa o exercício do profetismo sempre no contexto de uma *experiência espiritual*, que o alimenta e o sustenta. O sujeito profético é *surpreendido* pelo Espírito, como canta Gilmer Torres Ruiz: “tenho que gritar, tenho que arriscar, aí de mim se não o faço; como escapar de ti, como calar se tua voz arde em meu peito”. Trata-se de um imperativo; o profeta compreende que deve tomar atitudes concretas em relação à vida do povo, denunciar tudo o que se opõe à vida e anunciar a paz e a esperança prometida por lahweh aos que andam em seus caminhos.

O sujeito profético é possuído, revestido, habitado pelo Espírito, embora, às vezes, experimente a solidão e o abandono. É uma experiência em que o profeta só tem duas alternativas, assumir o profetismo ou frustrar o Espírito.

Os relatos escriturísticos evidenciam a experiência dramática de profetas que resistem ao extremo, mas depois acabam se rendendo, seduzidos pelo Espírito: “Tu me seduziste, lahweh, e eu deixei-me seduzir” (Jr, 20,7).

Sedução e lutas marcam o poder de lahweh sobre o profeta (Jo 3,1s; Sl 88). Sua missão está cercada de riscos, contradições e ameaças, e a tentação de calar a voz é uma constante. Muitos acabam falseando o profetismo ao anunciar os oráculos do rei, não de lahweh. Os reis de Israel não cumprem a função messiânica e os profetas devem manter o povo na esperança, anunciando a proximidade dos tempos messiânicos, quando o prometido Messias (Is 11,1-9), cheio de espírito profético²⁴² promoverá o direito e a justiça, e restabelecerá a paz paradisíaca.

A teologia dos sete dons se desenvolve a partir das intuições israelitas reveladoras da riqueza e da fecundidade do Espírito (Is 11,1-3). Dele recebemos a Sabedoria para amar a Deus; a Inteligência para aproximar-nos do seu mistério; o Conselho para reconhecer o caminho do bem; a Fortaleza para

²⁴² O espírito profético confere ao Messias as virtudes eminentes de seus antepassados: sabedoria e inteligência de Salomão, prudência e bravura de Davi, conhecimento e temor de lahweh dos patriarcas e dos profetas. A enumeração desses dons pela *Setenta* e pela *Vulgata*, onde o temor de lahweh se desdobra em piedade, tornou-se a lista dos sete dons do Espírito Santo.

assumir com coragem as suas obras; a Ciência para conhecer a Deus; o Temor como o princípio de toda a sabedoria que leva a respeitar a Deus em uma relação pessoal em que amor e temor, submissão e confiança se encontram, expressando a Piedade, enquanto afeto filial²⁴³.

No Segundo Isaías, o primeiro cântico do Servo de Iahweh sublinha que a sua missão é suscitada pelo Espírito; a eleição do Servo é acompanhada pela efusão do Espírito que o anima e sustenta na missão de implantar a justiça e o direito, abrir os olhos aos cegos e libertar os prisioneiros. Sua missão ultrapassa a dos outros profetas, pois ele próprio é a aliança, a luz que executará a tarefa da libertação e da salvação.

No Terceiro Isaías, o Espírito unge o profeta, habilitando-o para o anúncio da libertação, da justiça e da paz aos que retornam do exílio sem horizonte, sem perspectiva de vida: “O Espírito do Senhor Iahweh está sobre mim, porque Iahweh me ungiu; enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres, a curar os quebrantados de coração e proclamar a liberdade aos cativos, a libertação aos que estão presos” (Is 61,1).

Os quatro cânticos do Servo falam da perfeição do Servo de Iahweh. Ele reúne seu povo, é a luz das nações, prega a verdadeira fé, expia os pecados do povo e é glorificado por Deus. No Servo que incorpora os destinos do seu povo, a interpretação judaica reconhece o Messias.

Em contexto latino-americano, a mensagem divina vem por uma inspiração interior, vinculada a uma situação existencial. O profeta tem consciência de que é apenas um instrumento; as palavras que profere são palavras de Deus.

As promessas apontam para os tempos messiânicos que inauguram os tempos escatológicos, quando o Espírito alcançará toda a humanidade: “Sucederá nos últimos dias que derramarei do meu Espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão. Sim, sobre meus servos e minhas servas derramarei do meu Espírito” (Jl 1-3; At 2,16-18).

Entre o Espírito, o profetismo e a missão libertadora do Nazareno há uma íntima relação. O Credo Niceno-Constantinopolitano professa que o Espírito *falou pelos profetas*. O Espírito é o fio condutor que tece toda a experiência criadora e salvadora, sua presença atuante se manifesta em estreita relação com a renovação da vida do povo. É Ele que lhe dá um novo coração, que o inclina à prática do direito e da justiça e que restabelece a harmonia na criação²⁴⁴. Este profetismo tem sua expressão plena em Jesus de Nazaré.

²⁴³ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 39.

²⁴⁴ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 40.

3.2.3. Espírito sapiencial

Na experiência de Israel, em meio aos fracassos e desilusões, o profetismo evolui. Iahweh, que se manifestava nos furacões, terremotos e relâmpagos, agora é reconhecido no murmúrio da brisa suave (1Rs 19,12).

As aventuras e desventuras reduzem Israel a um pequeno povo desprovido, desenvolvendo-se a teologia do pequeno resto, povo humilde e profético, os *anawin*, os pobres de Iahweh; e sua experiência de fé se volta para o coração, onde habita a Sabedoria. O Espírito de Iahweh migra para a interioridade do coração humano e também de cada criatura²⁴⁵.

A literatura sapiencial, desenvolvida durante os quatro séculos que precederam a Encarnação do Verbo, identifica de forma aproximativa a Sabedoria com o Espírito, duas realidades que “agem de forma espiritual, exercem uma função cósmica e universal, suscitam profetas, guiam não só o povo eleito, mas toda a humanidade e iluminam o coração como um mestre interior” (Sb 1,6; Pr 8,22; Jó 32,8; Sb 7,22-8,1)²⁴⁶. Conduzir os homens para Deus é a função da Sabedoria e também do Espírito.

Codina vê na Sabedoria uma personificação feminina do Espírito (Sb 8-9), esposa ideal, com sua beleza, nobreza divina, fonte do saber, da riqueza, da eficiência, da virtude e da experiência. Alguns Padres viram nela uma prefiguração do Espírito Santo²⁴⁷. Ambos se revelam transcendentais, puros, penetrantes, inteligentes, sutis, infinitos, sábios, poderosos, pródigos em bens.

No *Elogio da Sabedoria* (Eclo 24,1-22), vemo-la intimamente unida a Deus e ao mesmo tempo distinta d’Ele, características que mais tarde serão aplicadas às pessoas do Verbo e do Espírito. Aqui, porém, a Sabedoria é somente a presença universal de Deus que se revela e cresce em Israel, com sua expressão maior na Lei (Eclo 24,23).

Dois elementos foram determinantes para o surgimento da teologia do Espírito Santo, a personificação do Espírito, ou seja, o simbolismo usado para representar modos de ação, de presença e de ser de Iahweh, e a interdependência e similaridade entre a Sabedoria e o Sopro, ou seja, *Deus para nós, Deus conosco* (Sb 1,4-5; 7,22-23; 9,17). Realmente, o que se diz da Sabedoria (Sb 8-9) pode-se aplicar ao Espírito²⁴⁸.

²⁴⁵ Cf. *Ibid.*, p. 40.

²⁴⁶ *Ibid.*, p. 40.

²⁴⁷ Cf. LARCHER, C. *Apud* CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito.*, p. 27.

²⁴⁸ Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito.*, p. 28.

A Sabedoria possui um espírito (Sb 7,22) que é amigo dos homens, perscruta seu coração segundo a verdade (Sb 1,6) e age sob a forma de um espírito (Sb 7,7). O Espírito do Senhor enche todo o universo (Sb 1,7).

A Sabedoria, criada antes de todas as criaturas (Pr 8,22-26), está junto do Senhor e d'Ele vem (Eclo 1,1); toma parte ativa na Criação (Pr 8,27-30) e Sua função é levar toda a humanidade para Deus (Pr 8,31.35-36).

O *Elogio da Sabedoria* (Sb 7,22-8,1), que lhe atribui vinte e uma (3x7) características, indica uma perfeição eminente. As imagens referidas a ela indicam ao mesmo tempo proveniência e participação íntima. Esse *Elogio*, em que ela participa da intimidade divina, possui sua onipotência e colabora com a obra criadora, já anuncia uma teologia do Espírito, que a habita e ao qual ela é assimilada.

A doutrina sobre a Sabedoria, presente nos livros sapienciais e retomada pelo NT, é aplicada a Cristo (Mt 11,19; Lc 11,49; Mt 23, 34-36; 1Cor 1, 24-30). Como a Sabedoria, Cristo participa da Criação, conserva o mundo e protege Israel.

João atribui ao Verbo traços da Sabedoria Criadora e seu evangelho apresenta Cristo como a Sabedoria de Deus. A tradição cristã reconhece em Cristo a Sabedoria do AT. Essa experiência antecipa a revelação trinitária, alcançada plenamente em Jesus Cristo, que as comunidades pós-pascais tematizam na forma que nos dá o NT.

Víctor Codina evidencia a riqueza da experiência de fé que revela os traços fundamentais do Espírito. A *ruah* é a ação e a presença permanente de Deus na criação e na história que cria e liberta. É a força vital pela qual *lahweh* conduz seu povo, é a unção sobre o eleito que o capacita à prática do direito e da justiça; é sabedoria penetrante que habita a interioridade humana e renova os corações. É força misteriosa que ilumina, purifica, santifica, vivifica.

As dimensões do Espírito como criador, profeta e sabedoria se revelam inseparáveis, se complementam e se compenetraram misteriosamente.

3.3. O Espírito na Escritura Neo-Testamentária

A experiência do Espírito no NT é tão importante quanto a revelação do Filho, pois é Ele que anima e realiza a trajetória neotestamentária, desde a encarnação do Verbo.

No Pentecostes, a história chega aos *últimos dias* (Jr 31; Jl 3) e tem início o tempo escatológico, o tempo definitivo. De fato, segundo o autor, nada novo ou maior será dito ou feito por Deus depois de Jesus Cristo²⁴⁹, que renova toda a história, a qual só pode ser compreendida nesse horizonte. Pelo Espírito, a missão do Filho alcança seu fim último, comprometendo a humanidade com o Novo Céu e a Nova Terra.

Com a encarnação do Verbo, Deus Pai silencia, mas o Espírito que age a partir de dentro, suscita profetas, inspira, faz compreender o mistério de Jesus, encaminha à verdade plena, testemunha Jesus Cristo, impulsiona a construção do Reino, suscita o amor, transforma Babel em Pentecostes²⁵⁰, gera comunhão, forma um só povo, destrói as barreiras e fronteiras, constitui e sustenta a Igreja na missão, impelindo-a a abrir-se aos povos e culturas²⁵¹.

No NT, Codina se concentra na relação e desenvolvimento das grandes temáticas focalizadas pelo AT, a criação, a libertação profética e a sabedoria interior, realçando a profundidade trazida pelo evento de Jesus Cristo.

O autor se detém na riqueza e na complexidade da relação entre a Pneumatologia e a Cristologia, situando o Espírito como aquele que prepara e realiza a obra de Cristo em Lucas e Atos. Em João é dom do Ressuscitado. Por fim, faz uma síntese da Cristologia e da Pneumatologia em perspectiva paulina.

3.3.1.

O Espírito na obra de Cristo: perspectiva lucana

Codina focaliza a relação que Lucas estabelece entre a missão de Jesus Cristo e o AT. O Espírito que age nos profetas prepara a vinda do Messias. Lucas remonta a genealogia de Jesus a Adão para situar Jesus no início de uma nova criação, que inaugura uma nova raça humana.

O Espírito que age nos profetas vem sobre Maria e o poder do Alto a cobre com sua sombra (Lc 1,31-35). Repleta do Espírito, Isabel reconhece a “bendita entre as mulheres, a mãe do Senhor” (Lc 1,41-42). Cheia de graça e “templo do Espírito Santo” (Lc 1,41-42), Maria profetisa, anunciando que os pobres e pequenos são socorridos por Iahweh (Lc 1,46-56).

O Verbo assume a carne para nos dar o Espírito. Deus o fez precursor e portador do Espírito que é dado à Igreja e derramado sobre toda carne. A

²⁴⁹ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 53.

²⁵⁰ Cf. *Ibid.*

²⁵¹ Cf. *Ibid.*, p. 54.

finalidade última da Encarnação é a comunicação do Espírito à humanidade, pelo qual se dá a redenção em Jesus Cristo.

Conforme o Batista anuncia, o que vem depois dele é mais forte, porque batizará em Espírito e em fogo (Lc 3,16). No Jordão, o Espírito desce na forma de uma pomba sobre Jesus, o céu se rasga e, em uma teofania misteriosa, ouve-se uma voz que diz: “Tu és o meu Filho; eu hoje te gerei!” (Lc 3, 21-22; Jo 1,32; Mt 3,16), comunicando que o Messias esperado chama-se Jesus e já chegou, enquanto a unção confirma e proclama a sua vocação messiânica.

A narrativa o apresenta²⁵² como o Messias prometido e esperado de Israel, portador do Espírito e Filho do Pai. Trata-se de uma confirmação que qualifica a condição de Jesus como o verdadeiro Servo anunciado por Isaías (Is 42,1).

O termo *Filho* salienta o caráter messiânico e filial de sua relação com o Pai²⁵³. O Espírito que desce sobre Jesus no batismo não o faz Filho, mas o unge, o consagra e o proclama Messias, enquanto Jesus se conscientiza da missão²⁵⁴.

O Espírito que desce sobre Jesus no batismo, o acompanha na realização de sua missão. O conduz ao deserto, onde se depara com as tentadoras propostas de um messianismo de poder e prestígio. Porém, a força do Espírito que n’Ele habita, o mantém firme na opção de um messianismo profético de amor-serviço, no qual impõe-se a humildade do Servo (Lc 4,1-13).

Na Sinagoga de Nazaré, lendo Isaías, Jesus se reconhece publicamente como o enviado de Iahweh para exercer o messianismo de serviço: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor” (Lc 4,18s). Lucas confirma a plena realização das promessas e profecias na pessoa de Jesus: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos esta passagem da Escritura” (Lc 4,20-21).

De fato, “se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós” (Lc 11,20). Jesus ensina, cura, come com os pecadores, retira-se para orar, expulsa demônios pelo poder do Espírito²⁵⁵.

Lucas descreve a descida do Espírito no Jordão como uma unção profética para a missão de anunciar o Reino. Pentecostes foi para a Igreja o que o

²⁵² No judaísmo, o Messias permanecia na obscuridade até o dia da sua manifestação pública.

²⁵³ Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito.*, p. 35.

²⁵⁴ O batismo, o encontro com o Batista, a Palavra que o acompanha foram decisivos para a tomada de consciência de sua condição de eleito, enviado, Filho de Deus e Servo-cordeiro de Deus (cf. *Ibid.*, pp. 35-36).

²⁵⁵ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 44.

batismo foi para Jesus. Pelo dom e pela força do Espírito a Igreja nascente é consagrada, autorizada e habilitada ao ministério, à missão e ao testemunho²⁵⁶.

Gregório Nazianzeno fala da íntima relação entre a cristologia e a pneumatologia ao dizer que “Cristo nasce, e o Espírito o precede; é batizado, e o Espírito o testemunha; é submetido à prova, e ele o conduz à Galileia; realiza milagres, e o acompanha; sobe para o céu, e o Espírito o sucede”²⁵⁷.

Lucas enfatiza a atitude de Jesus que exulta de alegria e louva o Pai, porque ocultou os mistérios do Reino aos sábios e entendidos, e os revelou aos pequeninos (Lc 10,21); vincula a eficácia da oração ao dom do Espírito, que o Pai concede aos que lhe pedem (Lc 11,13); adverte sobre o pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo²⁵⁸, que não terá o perdão de Deus (Lc 12, 10), referindo-se à atitude de total fechamento à graça da salvação oferecida pelo Pai Celeste, em Jesus Cristo e no Espírito. Daqui se depreende porque Lucas é considerado o evangelista do Espírito Santo, da misericórdia, dos pobres, das mulheres, da oração e da alegria messiânica.

A atividade do Espírito se concentra na pessoa do Nazareno. Seu nascimento manifesta a ação criadora de Deus, seu batismo o faz portador messiânico e o relato da tentação mostra que o portador do Espírito é vencedor. A pregação inaugural em Nazaré liga o dom do Espírito à proclamação do Evangelho. No entanto, só quando Jesus é elevado para junto do Pai é que o Espírito é enviado em plenitude (Lc 24,49; At 1,8; 2,33).

Pentecostes abre o tempo da Igreja em que as promessas de um Consolador se concretizam, assumindo a orientação invisível da comunidade dos discípulos, que se tornam confiantes, fortes, destemidos.

Os evangelistas asseguram uma continuidade dinâmica entre Cristo e a Igreja, garantida pelo Espírito²⁵⁹, mas é Lucas quem sublinha essa continuidade. Para ele, o Espírito concebe Jesus no seio de Maria e gera a Igreja no mundo, impulsiona Jesus no ministério e anima o apostolado a partir de Jerusalém para o mundo.

A esperança, alimentada em Israel pela vinda do Messias, subsiste nos apóstolos até o último instante: “É agora o tempo em que irás restaurar a realeza

²⁵⁶ Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito.*, p. 39.

²⁵⁷ DISCURSOS *Apud* CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 45.

²⁵⁸ O engano sobre a dignidade divina de Jesus, oculta sob as aparências de *Filho do Homem*, será desculpado, mas fechar os olhos e o coração às obras notáveis do Espírito Santo, negando-as, é rejeitar a oferta que Deus faz, excluindo-se da salvação (Hb 6,4-6; 10,26-31). A encíclica *Dominum et Vivificantem* (46-48), de João Paulo II, trata de forma ampla sobre o tema.

²⁵⁹ Em Mt 28,19-20, Jesus faz o envio definitivo: “Ide e fazei que todas as nações se tornem discípulas, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. Eis que estarei convosco todos os dias”, com os paralelos de Mc 16, 15-16 e Lc 24,47.

em Israel?” (At 1,6). A resposta de Jesus os coloca na dinâmica da vida no Espírito: “Recebereis a força do Espírito Santo e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, na Judéia, Samaria, até os confins da terra” (At 1,8).

O Mestre Interior os ensina, relembra os ensinamentos de Jesus e favorece um entendimento global. O reino esperado fica para trás, porque o Reino presente e futuro será uma consequência da conversão interior ao Espírito que os leva a assumir o protagonismo da histórica.

No dia de Pentecostes, o Espírito irrompe como um vendaval inesperado e em forma de línguas de fogo repousa sobre o grupo apostólico, formado por discípulos e discípulas, reunidos no Cenáculo. Todos ficam repletos do Espírito Santo e começam a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia exprimir-se, anunciando, de forma destemida, Jesus Cristo Ressuscitado, às multidões presentes em Jerusalém. Misteriosamente, todos os entendiam na própria língua (At 2,5-12).

Nesse fenômeno, Lucas vê a restauração da unidade perdida em Babel²⁶⁰ ou, nas palavras de Y. Congar, a “inversão da dispersão de Babel”²⁶¹. Pentecostes simboliza e antecipa a missão universal do grupo apostólico que abraça a missão de Jesus, na força do Espírito, experimentado como um sopro inesperado, um fogo que comove e reúne para além das barreiras culturais, sociais, religiosas dos povos²⁶².

O Espírito veio para unir o Céu e a Terra e falar uma língua comum, onde todos se entendem, a do amor-serviço. Veio formar uma comunidade a partir da diversidade, na qual a universalidade não é fruto da uniformidade, nem de um centralismo que anule as diferenças²⁶³.

O Espírito permanece único e idêntico em todos sem alterar a originalidade das pessoas, dos povos, das culturas, permitindo que cada um expresse em sua própria língua as maravilhas de Deus²⁶⁴. Na diversidade e na beleza das línguas e culturas, o Espírito Santo age, promove a unidade e o entendimento por meio

²⁶⁰ *Babel*, capital da Babilônia, é a história da *grande cidade*, do homem que afronta a Deus, querendo igualar-se a Ele. É uma referência ao Império Babilônico, que dominava e escravizava os povos. Julgando-se autossuficientes, os homens construíram uma torre, expressando sua pretensão de onipotência, afirmação e orgulho, gerando destruição, divisão, desentendimento e confusão. Uma ideologia a serviço da ambição e da cobiça. Mas, no plano de Deus, os homens devem conviver em paz, habitar juntos como irmãos. Com Abraão começa uma nova trajetória de fé, onde todos constroem a nova cidade, fundada na justiça, a Jerusalém Celeste (Ap 21,1-22).

²⁶¹ CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito.*, p. 67.

²⁶² Cf. BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus Trindade: A vida no coração do mundo*. Valencia/São Paulo: Siquem/Paulinas, Coleção: Livros Básicos de Teologia, n. 6, 2003, p. 101.

²⁶³ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 46.

²⁶⁴ Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito.*, p. 68.

do amor. O Espírito suscita uma nova criação a partir de Jesus Cristo. Eles se dispõem. Eles dispõem-se.

Em Jerusalém realiza-se a profecia de Joel (Jl 3,1-5). O Espírito derrama-se sobre todos e Pedro anuncia o querigma. O povo sente o coração traspassado pelo fogo abrasador e se dispõe a fazer o que o Senhor deseja (At 2,37b). Pedro vê no evento de Pentecostes a chegada dos *últimos dias*²⁶⁵, o dia de lahweh.

No Espírito da Verdade, a comunidade cristã permanece unida na oração, na fração do pão, na fidelidade à doutrina dos apóstolos e na partilha fraterna (At 2,42-47). Na experiência do Reino, a dimensão escatológica se antecipa.

A Nova Jerusalém irrompe no tempo, possibilitando-se experimentar as delícias do Banquete Eterno, embora de forma precária, pois o Espírito ainda está *acorrentado* pelas resistências humanas.

Objeto de controvérsias e contendas na comunidade apostólica, o próprio Espírito se encarrega de esclarecer que se trata de um dom oferecido à *ekklesía*, mas não de forma exclusivista. Ao primeiro pentecostes sucedem tantos outros, em um movimento *circular* que envolve a humanidade e com ela todo o cosmo, rompendo não só com os limites geográficos, culturais e religiosos, mas também com os limites da interioridade humana, onde as resistências petrificam o coração, obscurecem a inteligência, frustram o acolhimento da salvação oferecida em Jesus Cristo, no Espírito.

O Espírito que paira sobre as águas, desce sobre os sábios e profetas, sobre Maria, Jesus e o grupo apostólico, agora é derramado sobre judeus e prosélitos, homens e mulheres de todas as nações, que escutam o Espírito falando por meio de Pedro e da Igreja, confirmando a universalidade do Evangelho, posteriormente reconhecida no Concílio de Jerusalém (At 15,7-9.28).

Apesar das limitações históricas, o Espírito realiza a missão universal de Jesus. Em tempos de *noite escura*, Codina recomenda a leitura dos Atos Apóstolos para recuperar a confiança na força do Espírito, vencer as resistências e dar continuidade à missão de Jesus (At 28,30-31)²⁶⁶, animada pelo Espírito.

²⁶⁵ Com a expressão bíblica, *últimos dias*, o autor se refere à história que chega ao fim em Jesus Cristo. Nada novo ou maior será feito ou dito à humanidade, cabendo ao Espírito suscitar o entendimento dos acontecimentos que colocam a humanidade em outra dinâmica de fé e vida.

²⁶⁶ CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 47.

Crer que o Espírito Santo atua na Igreja e no mundo, de forma criativa e às vezes inusitada, requer conversão. Para Codina, aqui está um dos grandes desafios da Igreja de nossos dias²⁶⁷.

No Evangelho, Lucas mostra Jesus agindo com a unção do Espírito Santo. Como Messias anuncia o Reino de Deus aos pobres, valoriza as mulheres, cura os doentes, perdoa os pecadores, devolve a paz e a alegria aos marginalizados.

Nos Atos, o Espírito é o protagonista principal da missão da Igreja. Possuídos pelo Espírito, os discípulos superam o medo e a insegurança, e anunciam o Evangelho a todos os povos.

Em Lucas, que se fundamenta na pneumatologia do AT e do judaísmo, o Espírito Santo é ainda o espírito, o sopro poderoso, criador e vivificante de Deus, a força pela qual Jesus realiza milagres e expulsa demônios (At 10,38s; Mt 12,28; Lc 11,20). Mas Lucas ultrapassa o estágio véterotestamentário, no qual Deus é quem concede seu Sopro. Em diversos momentos é o Espírito que age. A atribuição ao Espírito de diversas intervenções importantes na história da salvação indica que Ele é concebido como sujeito de atribuição divina, e de certa maneira, diferente de *lahweh*²⁶⁸.

3.3.2.

O Espírito, dom do Ressuscitado: perspectiva joanina

A perspectiva que predominou na teologia ocidental é tipicamente joanina, na qual o Espírito Santo procede do Pai e do Filho (Jo 15,26). Esta é a origem bíblica do clássico *Filioque*²⁶⁹. Codina destaca em João os elementos que estão em relação às principais temáticas do Espírito no AT, ligados à dimensão criativa, profética e sapiencial. De modo geral, João se refere ao Espírito como propulsor de vida nova, que tem na Palavra-Verbo-Logos sua origem.

A dimensão do Espírito como Criador aparece, sobretudo, na relação do prólogo com o relato sacerdotal da criação, no batismo de Jesus, no encontro

²⁶⁷ A incessante e silenciosa ação do Espírito pode ser comparada a um riacho. Suas águas fazem o percurso que o relevo permite. Diante das barreiras que surgem, as águas são detidas e ali vão se acumulando até alcançar o nível que possibilita sua vazão, prosseguindo assim seu curso até chegar ao destino, o mar.

²⁶⁸ Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito.*, p. 71-72.

²⁶⁹ O Símbolo Niceno-Constantinopolitano afirma apenas que o Espírito *procede do Pai*. Porém, na luta contra os arianos, nos Concílios III (589) e IV de Toletto (633), para reafirmar a divindade Filho, os espanhóis acrescentam ao Credo que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho (*Filioque*), apoiados em Jo 15,26: “Quando vier o Paráclito que eu vos enviarei de junto do Pai, o Espírito da Verdade que vem do Pai, dará testemunho de mim”. Sucessivamente, os francos e os germanos introduzem o *Filioque* e pressionam o papa para introduzi-lo no Credo da Igreja Universal, o que se dá em 1014, pelo Papa Bento VIII, deflagrando a separação entre a Igreja Ocidental e a Oriental, que não aceita o subordinacionismo do Espírito ao Filho e a diminuição da paternidade que a formulação sugere. (cf. CODINA, V. *Los caminos del Oriente Cristiano.*, pp. 22-24;91-98).

com Nicodemos e com a samaritana, na entrega definitiva na cruz e na doação do Espírito na tarde do domingo da Ressurreição.

A riqueza dos primeiros versículos do prólogo está na relação com o hino que reproduz o relato sacerdotal da criação, onde o autor sagrado fala da vida como luz dos homens em estreita relação com o Verbo (Jo 1,1-9).

Toda a vida criada é uma expressão daquele poder eterno existente no Logos que transmite a vida.²⁷⁰ O prólogo se insere no contexto da *criação* e o relato do batismo de Jesus está vinculado a ele. João testemunha que o Espírito desceu do céu como uma pomba, permanecendo sobre aquele que batizará com o Espírito Santo, o Eleito de Deus (Jo 1,31-34). E porque o Espírito repousa sobre Ele, quando for elevado à direita do Pai, poderá comunicá-lo aos outros. Para João, o Verbo feito carne já tem o Espírito e a teofania do Jordão é apenas um atestado a João Batista que o vê (1,32-34).

A vida nova trazida por Jesus é comparada a um novo nascimento. É necessário nascer da água e do Espírito (Jo 3,5-6) para entrar no Reino dos céus²⁷¹. João assume a relação simbólica entre a água²⁷² e o Espírito das origens da criação (Gn 1,2) para falar do nascimento do Espírito²⁷³. É o Espírito que gera o nascimento do alto ao conduzir, possibilitar, impulsionar e animar a experiência, a vivência e a confissão da fé.

No diálogo com a samaritana, a água viva que Jesus lhe oferece é o próprio Espírito, o Espírito que gera a Palavra²⁷⁴, a água que além de saciar a sede, torna-se naquele que a bebe uma fonte que jorra para a vida eterna, a vida verdadeira, a vida plena (Jo 4,14).

Na festa das Tendias, no templo, Jesus proclama: “Se alguém tem sede, venha a mim e beberá aquele que crê em mim”, conforme a palavra da Escritura: “De seu seio jorrarão rios de água viva” (Jo 7,37b-38). E o evangelista explica: “Ele falava do Espírito que haveriam de receber os que n’Ele acreditassem; pois não havia ainda Espírito porque Jesus ainda não fora glorificado” (Jo 7,39).

²⁷⁰ No prólogo de João, o tema da Palavra criadora se desenvolve em harmonia com Is 55,10-11: “Como a chuva e a neve descem do céu e para lá não voltam, sem terem regado a terra, tornando-a fecunda e fazendo-a germinar, dando semente ao semeador e pão ao que come, tal ocorre com a palavra que sai da minha boca: ela não volta a mim sem efeito; sem ter cumprido o que eu quis, realizado o objetivo de sua missão”. A Palavra, enviada por Deus ao mundo para fecundá-lo, revelando nele a *verdade*, retorna a Deus após ter cumprido sua missão.

²⁷¹ É uma característica joanina para referir-se ao Reino falando de *vida* e de *vida eterna*. Jo 3,3.5 são os dois únicos casos em que João se refere à vida nova com a expressão *Reino de Deus*.

²⁷² Tanto nos profetas como em Qumrã a água é símbolo do Espírito. E em João, Reino é vida ou vida eterna.

²⁷³ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 48.

²⁷⁴ A liturgia da festa das Tendias comportava ritos de purificação e preces para as chuvas de outono. A água para os israelitas era símbolo de purificação, vida e fecundidade, mas também simbolizava a Lei, a palavra de Deus e a sabedoria (Espírito) que elas trazem, permitindo conhecer a vontade de Deus (cf. CONGAR. Y. *Revelação e experiência do Espírito*, p. 74).

Segundo o texto, Jesus se refere ao Espírito, mas ainda não há o Espírito, que só será enviado após a sua glorificação, a sua ressurreição e a sua volta ao Pai, do que se deduz que o Espírito procede do Ressuscitado²⁷⁵.

Os rios de água viva jorram do seio do Messias. Quem bebe dessa água torna-se uma fonte do Espírito. O Filho, morto na cruz, foi ressuscitado e glorificado (Jo 13, 31-32; 17,1.5), reassumindo o trono com o Pai.

Em João, o Espírito é o grande dom do Ressuscitado²⁷⁶. Jesus promete, anuncia e derrama o Espírito sobre os seus, gesto simbolicamente antecipado na cruz, quando Jesus emite o seu último suspiro. O espírito que Jesus entrega na cruz não significa apenas a entrega de seu alento vital (Jo 19,30), mas representa o dom do Espírito pascal à humanidade²⁷⁷, enquanto de seu lado aberto jorram sangue e água, preanunciando a efusão do Espírito que se dá na vida sacramental da Igreja.

Conforme o relato joanino, na tarde da Páscoa, o primeiro da semana, Jesus surpreende os discípulos pondo-se no meio deles e dando-lhes a paz; mostrando-lhes as mãos e o lado, sopra sobre eles o Espírito, dizendo: *Recebei o Espírito Santo*, confiando-lhes a própria missão, inclusive a de perdoar os pecados (Jo 20,19-23).

O sopro de Jesus simboliza o Espírito como princípio de vida. Cristo ressuscitado dá aos discípulos o Espírito que recria a humanidade. Em João, o primeiro dia da semana pascal inaugura uma nova criação, na qual a vida triunfa definitivamente sobre o pecado e sobre a morte (Jo 20,1)²⁷⁸.

João usa a imagem do vento para referir-se ao movimento surpreendente, incontrolável do Espírito que não se submete a nenhum domínio, sopra onde quer, mas ouve-se o seu ruído (Jo 3,8).

A dimensão *profética* sobressai nas promessas do *Paráclito*, do advogado, do intercessor, do consolador, do Espírito da Verdade, que depois da partida de Jesus, permanecerá junto dos discípulos para recordar, completar e fazer compreender os ensinamentos de Jesus, conduzir todos à Verdade, esclarecer o sentido dos futuros acontecimentos (Jo 14-16). “O Espírito atuará diante do mundo como acusador e fiscal, e defenderá os discípulos em suas perseguições e dificuldades” (Jo 16,7-11), pois, apesar das obras e do seu ensinamento, o mundo não reconheceu o Filho de Deus, o Messias esperado e enviado.

²⁷⁵ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 49.

²⁷⁶ Cf. *Ibid.*, p. 50.

²⁷⁷ *Id. Elementos para una antropología pneumática.*, pp. 298-332.

²⁷⁸ CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 49.

O Paráclito faz compreender que é na elevação do Filho na cruz que Ele é glorificado, pois o Espírito que Jesus Cristo envia, aciona a ruína do mundo e a vitória do Filho pelo amor, antecipando o retorno escatológico de Cristo.

O Espírito é dom do Ressuscitado glorificado (Jo 13,31-32; 17,1.5): “E agora, glorifica-me, Pai, junto de Ti, com a glória que eu tinha junto de Ti, antes que o mundo existisse” (Jo 17,5).

A glorificação de Jesus consiste na partilha do trono com Deus de onde jorra um rio de água viva (Ap 22,1) que sacia a sede humana. No apocalipse, João se refere ao Espírito como *Espírito de Profecia* (Jo 19,10), justamente porque atua nas igrejas, concedendo-lhes a força necessária para superar as perseguições.

A dimensão sapiencial do Espírito nos escritos joaninos se manifesta, sobretudo, em suas cartas. Os fiéis ungidos, se revelam portadores do *Mestre Interior* (1Jo 2,20), do Espírito dado ao Messias, que os instrui sobre todas as coisas, fazendo com que os ensinamentos de Jesus se tornem verdadeiramente *espírito e vida* na comunidade.

No contexto da experiência viva do Espírito, João orienta o discernimento: “Não acrediteis em qualquer espírito” (1Jo 4,1), a árvore se conhece pelos frutos: “todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne é de Deus” (1Jo 4,2). O amor fraterno é o critério por excelência para saber se estamos vivendo a nova vida gerada pelo amor que vem de Deus (1Jo 4,7-8).

Entre o Espírito e Jesus há uma relação de interdependência. O Espírito não acrescenta nada à experiência de Jesus, mas nos introduz na profundidade da verdade revelada por Ele, recordando-a e atualizando-a para responder às novas situações históricas (Jo 16,13). O Espírito vivifica o processo dinâmico da Revelação ao longo da história, até que seja plenamente desvelada²⁷⁹.

Em João, o Espírito é Espírito de Verdade que testemunha Jesus Cristo²⁸⁰, o grande dom do Ressuscitado. É Ele quem dá a vida, defende os discípulos, acusa o mundo, é o *Mestre interior*. Por isso, para Codina, uma vida cristã só é autêntica se estiver a serviço da vida, contra toda forma de morte²⁸¹.

²⁷⁹ Cf. *Ibid.*, p. 50.

²⁸⁰ Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito.*, p. 85.

²⁸¹ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 50.

3.3.3.

O Espírito do Senhor promove a liberdade: perspectiva paulina

A pneumatologia paulina está intimamente ligada à sua experiência de conversão, a partir do encontro com o Ressuscitado no caminho de Damasco. Paulo não conheceu Jesus, mas demonstra conhecê-lo profundamente: “o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, Deus o revelou a nós pelo Espírito, pois o Espírito sonda todas as coisas” (1Cor 2,9-10).

Segundo Codina, o eixo *recriador* é decisivo na pneumatologia paulina. Viver segundo o Espírito é recuperar a liberdade perdida em Adão. “O primeiro Adão, foi feito alma vivente; o último tornou-se espírito que dá a vida” (1Cor 15,45). Paulo faz a experiência da vida nova que brota do Ressuscitado e fala do homem novo em Cristo, descrevendo com muita clareza a dialética da vida no Espírito (Rm 8), que supõe um combate, uma luta interior entre o homem velho e o homem novo, (Rm 7,14-25). Uma vida sob o dinamismo do Espírito desenvolve um contraste progressivo entre a ruína do homem velho e o revigoramento do homem novo (2Cor 4,7-5,10).

Paulo não entende porque faz justamente o que detesta (7,15); experimenta a oposição entre a carne, que se manifesta na resistência a Deus, e o Espírito, o novo princípio de ação que promove a vida (Rm 8,5-11).

Em Paulo, o Espírito age e se manifesta na dinâmica da vida cristã. O amor é o princípio gerador de dons, carismas e frutos do Espírito.

Uma vez marcados com o selo da unção, possuímos as primícias do Espírito (1Cor 1,22). Ele vem em socorro da nossa fraqueza, intercedendo por nós com gemidos inefáveis (Rm 8,26). A criação inteira geme em dores de parto e com toda a humanidade espera ansiosamente pela libertação definitiva (Rm 8,22-23).

Em Paulo, a Igreja é dom escatológico e o Espírito constitui as primícias da glória futura e o fundamento da esperança cristã (Rm 8,23-25). Pelo Espírito que nos habita, move e sustenta, somos assumidos por Deus: “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

A inspiração *profética* em Paulo assume a forma carismática (1Cor 12). Ninguém pode dizer: “Jesus é o Senhor” sem o Espírito. Ele é o único e mesmo Espírito que concede a diversidade de dons, carismas e ministérios. Ele realiza tudo em todos (1Cor 12,5-6). “O sinal por excelência da inspiração profética é a caridade (1Cor 13), a única que garante a veracidade do Espírito”²⁸².

²⁸² *Ibid.*, p. 51.

Toda manifestação do Espírito visa a edificação da comunidade. “Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para utilidade de todos” (1Cor 12,7).

Paulo considera os fiéis membros de uma unidade orgânica, que tem no corpo humano sua melhor representação. O Espírito une os fiéis na comunhão visível do corpo de Cristo, a Igreja (1Cor 12,12-30). Fomos batizados em um só Espírito para sermos um só corpo e bebermos do mesmo Espírito (1Cor 12,13). “A experiência paulina do Espírito é claramente comunitária e eclesial”²⁸³.

O Espírito, através dos diversos dons, frutos, carismas e modos de ação constrói a Igreja, o corpo de Cristo. Deus não toma o nosso lugar, mas comunica um dinamismo que habilita o ser humano a agir segundo o Espírito.

A *sabedoria* paulina não se fundamenta nas especulações humanas e na retórica grega; com a linguagem ensinada pelo Espírito, sua pregação e os prodígios que realiza manifestam a ação do Espírito (1Cor 2,4-5.13).

O apóstolo atribuiu ao Espírito o que nele se realiza de bom. Ele suscita a verdadeira sabedoria, revelada na *loucura da cruz* (1Cor 17-2,13) que comporta uma transformação total, ética e mística em Cristo²⁸⁴. O cristão é transformado em um novo *cristo*, imagem de Deus que se quer cada vez mais perfeita.

O *Pneuma* paulino é Espírito de santidade, Espírito Santo, Espírito de Deus, Espírito daquele que ressuscitou Jesus, Espírito do Filho, Espírito do Senhor²⁸⁵. O Apóstolo se refere a Cristo e ao Espírito como a duas realidades muito próximas, a ponto de usar expressões como *estar em Cristo* e *estar no Espírito* sem distingui-las e sem identificá-las.

Através de suas funções peculiares e em perfeita comunhão, ambos realizam a obra da salvação. Apesar da afirmação: “O Senhor é o Espírito” (2Cor 3,17), o Senhor Ressuscitado não se identifica com o Espírito, que é o “Espírito do Senhor” (2Cor 3,18)²⁸⁶.

No horizonte paulino, a vida cristã se revela uma grande novidade. Sua dinâmica gera rupturas e define uma nova ordem de princípios e valores em profundo contraste com os princípios e valores do mundo: lei e liberdade, homem velho e homem novo, carne e espírito, morte e vida.

O cristão já possui as primícias do Espírito, o penhor da vida eterna, que lhe permite experimentar aqui e agora o inefável. Os bens futuros, antecipados

²⁸³ *Ibid.*

²⁸⁴ Cf. *Ibid.*

²⁸⁵ Cf. *Ibid.*, p. 52.

²⁸⁶ Cf. *Ibid.* Com as expressões: *Espírito do Senhor* e *o Senhor é o Espírito*, Paulo se refere ao Espírito do Senhor Deus, portanto, para ele *Espírito* é Deus, mesmo que ainda não tenha clareza quanto à pessoa do Espírito Santo na ordem da Trindade.

pelo Espírito, o fortalecem na esperança e o sustentam no caminho da cruz: “Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé” (1Tm 4,7).

A liberdade da recriação entra em jogo diante da lei do pecado; o profetismo espiritual plasma-se no amor fraterno, na dialética com o orgulho carismático; a sabedoria interior traduz-se em loucura da cruz, isto é, em caridade, em oposição aos discursos meramente humanos dos sábios deste mundo. É o Espírito que nos leva a reconhecer Jesus como Senhor e a viver a vida de Cristo Jesus em nós. O Senhor Ressuscitado, o novo Adão espiritual e vivificante, é que nos comunica o Espírito, o seu Espírito, o Espírito do Senhor²⁸⁷.

Paulo faz referência ao mistério trinitário em vários textos, mas é na saudação de despedida dos coríntios que o expressa de forma mais clara: “a graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus (Pai) e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos” (2Cor 13,13). Em Paulo, o Espírito é o próprio Deus-Amor presente e ativo nas pessoas. “O Espírito é Espírito de liberdade (2Cor 3,17s) que liberta a pessoa e a sociedade (Gl 5,13) e se manifesta nos anseios de liberdade dos povos oprimidos”²⁸⁸.

3.4. Nos fiéis o Espírito recria a humanidade

A vida cristã é vida no Espírito, porque “Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho” (Gl 4,6). Por Ele o amor de Deus é derramado em nossos corações (Rm 5,5), a vida divina nos é comunicada. O mistério da vida cristã coloca-nos dentro do amor com que Deus nos ama, do qual o Espírito que habita em nós é penhor (Rm 8,15; Gl 4,6). Nesse amor nos dirigimos a Deus como filhos e amamos nossos irmãos (Jo 17,26). Por esse amor somos abraçados e abraçados. O Santo nos santifica.

A presença do Espírito junto de Israel em sua trajetória histórica (Is 63,7-19) foi um prelúdio e uma preparação para o dom do Espírito, prometido pelo Pai (At 1,4; 2,33.39; Ef 1,13; Gl 3,14), anunciado pelos profetas (Jl 3,1-2; Ez 36.26-27; Is 11,2) e concedido após a glorificação de Jesus (Jo 7,39), no dia de Pentecostes (At 2,16ss), como penhor da vida futura.

Para as Escrituras e os Padres da Igreja, o Espírito é o dom messiânico de Deus que procede do Pai e do Filho e nos introduz na comunhão com Deus. E a vida cristã é vida no Espírito de Jesus, como veremos a seguir.

²⁸⁷ *Ibid.*

²⁸⁸ CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 79.

3.4.1.

O Espírito que nos faz nascer do alto, nos faz filhos no Filho

O anúncio que deixa Nicodemos confuso (Jo 3,3) escapa à razão. Realmente o Espírito nos faz nascer de novo (*ánóthen = do alto*). O Espírito “põe em nós um germe, uma semente espiritual de Deus (1Jo 3,9), mediante a qual nos tornamos filhos do Pai e co-herdeiros de Cristo”²⁸⁹.

É semente de vida, unção do alto, Espírito que fecunda a Palavra (Jo 2,20.27) e renova todas as coisas. Este é o aspecto positivo do batismo, tão obscurecido entre os latinos, pela remissão do pecado original, e tão estimado pela teologia oriental, que confere no batismo a vida divina no Espírito²⁹⁰. Esta dimensão é assegurada pela LG (9) ao afirmar que pela água e pelo Espírito (Jo 3,5-6), os que creem em Cristo, são constituídos em “raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo conquistado, povo de Deus” (1Pd 2,9-10).

O Espírito recebido no batismo nos faz filhos no Filho, irmãos de Jesus, co-herdeiros de Cristo. N’Ele chamamos a Deus de *Abba, Pai* (Gl 4,5-6), por Ele somos assimilados e configurados ao Filho, incorporados ao seu corpo. A plenitude dessa filiação se manifestará (1Jo 3,1-2) na ressurreição (Rm 1,4).

Com as primícias do Espírito, peregrinamos gemendo interiormente, aspirando pelo que haveremos de ser (Rm 8,23). A realidade pneumática, conferida pelo selo do Espírito no batismo (2Cor 1,22), é confirmada pelos frutos de santidade e justificação (1Cor 6,11), regeneração e renovação (Tt 3,5)²⁹¹, mas sua manifestação se dá na comunidade²⁹².

A divinização humana se traduz concretamente nas atitudes que expressam a filiação divina, sentido e fim último da encarnação do Filho. Criada à imagem e semelhança de Deus, a humanidade alcança sua perfeição em Deus, pelo Espírito que vem a nós²⁹³, porque “a glória de Deus é a vida do ser humano”²⁹⁴, vida que é comunhão com o Senhor da vida. O Espírito Santo move os corações, a humanidade e todo o cosmo para o Pai, mediante o nascimento do alto que nos faz filhos no Filho.

²⁸⁹ Id. *No extingáis el Espíritu.*, p. 64.

²⁹⁰ As inscrições nos batistérios antigos comparam a fonte das águas batismais com o seio de Maria, para dizer que a Igreja, pelo batismo, dá uma vida nova aos fiéis cristãos, como Maria deu à luz Jesus, na força do Espírito (Cf. *Ibid.*, p. 64).

²⁹¹ Cf. *Ibid.*, p. 65.

²⁹² Cf. CODINA, V.; IRARRAZAVAL, D. *Sacramentos de Iniciação.*, p. 41.

²⁹³ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 65-66.

²⁹⁴ ADV. HAER *Apud* CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 66.

3.4.2. O hóspede sagrado age secretamente

O povo de Israel experimenta a presença de Deus de modo muito real, concreto, embora permaneça absolutamente transcendente. Para sublinhar essa tensão, Israel evita pronunciar ou escrever seu nome. Deus estabelece sua morada, o seu santuário, junto de Israel para sempre (Ez 37,26-27).

No NT, sua presença tem maior visibilidade e concretude. Segundo Paulo, a comunidade cristã é o corpo de Cristo (1Cor 12,12ss), o verdadeiro Templo de Deus, o lugar da habitação do Espírito (1Cor 3,16; 6,19; 2Cor 6,16; Rm 8,9.11). Com o termo *permanecer*, João fala da habitação divina na comunidade eclesial e em cada pessoa (Jo 14,16-17). Não se trata de uma simples presença, mas de *inabitação*, algo estável, firme e permanente; trata-se da presença divina que integra a humanidade, do dom da filiação que põe o ser humano *ad intra Dei*. A inhabitação do Espírito recria o ser humano a partir de dentro²⁹⁵.

Deus não está somente em nós, mas conosco e nós com Ele. Esta união coloca-nos numa relação deificante com Deus. A inhabitação não é outra coisa senão a misteriosa presença do Espírito²⁹⁶.

O êxodo que o Espírito promove no ser humano o lança para fora de si em busca da alteridade. O Espírito arranca o ser humano de si mesmo para situá-lo em Cristo, possibilitando-lhe a descoberta e a vivência de uma nova comunhão no Corpo de Cristo, a comunidade²⁹⁷.

O Espírito integra o ser humano ao movimento *kenótico* de Deus, que se expressa no Filho (Fl 2,6-11) e no Espírito. Sem rosto, sem palavra, sem lugar, o Espírito atua em Cristo (Mt 3,16); Lc 1,35), no ser humano (Ef 2,22; 1Cor 3,16), no corpo eclesial de Cristo (1Cor 12,13), no cosmo. Com Sua criatividade e imaginação abre horizontes, corrige, purifica, cura feridas, liberta das amarras interiores, se manifesta nos anseios dos povos oprimidos²⁹⁸.

Habitado pelo Espírito, o ser humano entra em uma dinâmica de vida que o reconstrói integralmente, a partir de dentro, até torná-lo verdadeiramente cristão, de modo que no cristão é o próprio Cristo que vive (Gl 2,20). Na verdade, o hóspede sagrado elabora em nós um secreto trabalho de encarnação, nos integrando em Cristo e nos assimilando a Ele, como expressa Santo Agostinho.

²⁹⁵ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 66.

²⁹⁶ Cf. Id. *Una presencia silenciosa.*, p. 24.

²⁹⁷ BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus.*, p. 108.

²⁹⁸ Cf. CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 79.

Tarde Vos amei, ó beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Vós estáveis dentro de mim, mas eu estava fora, e fora de mim Vos procurava; com o meu espírito deformado, precipitava-me sobre as coisas formosas que criastes. Estáveis comigo e eu não estava convosco. [...] Chamastes-me, clamastes e rompestes a minha surdez. Brilhastes, resplandecestes e dissipastes a minha cegueira. [...] Tocastes-me e agora desejo ardentemente a vossa paz²⁹⁹.

A filiação divina, o dom do Espírito, a realidade de Deus em nós, nós os temos em adiantamento, em vista da meta final em que “Deus será tudo em todos” (1Cor 15,28). “A inabitação é germe e semente da escatologia, da posse de Deus; graças a ela possuímos o amor do Pai, a graça do Filho e a comunhão do Espírito” (2Cor 13,13)³⁰⁰.

3.4.3.

O Espírito que nos faz dizer *Abbá, Pai*, nos faz livres

Paulo assegura que por Cristo e no Espírito temos um acesso ao Pai (Ef 3,12; Rm 5,2; 1Pd 3,18). Por Cristo e no Espírito podemos nos aproximar de Deus (Hb 4,16; 7,25), louvá-lo (Ef 5,18-20; Cl 3,16-17; 1Cor 14,26), suplicar-lhe (Mt 7,11), invocar o Espírito Santo (Lc 11,13) que intercede por nós.

Como não sabemos pedir como convém, o Espírito que habita em nós socorre a nossa fraqueza, intercedendo por nós (Rm 8,26). Pelo Espírito de filhos que recebemos clamamos *Abba! Pai!* (Rm 8,15). É o próprio Espírito que em nós, com gemidos inefáveis, clama ao Pai por nós (Rm 8,26-27).

A oração no Espírito é amplamente testemunhada pela Escritura e a liturgia captou bem a dimensão pneumatológica da oração cristã ao atribuí-la sempre ao Espírito Santo pelas terminações: “Por Cristo, na unidade do Espírito Santo”. O autor sintetiza essa dimensão pneumática afirmando que “o Espírito é o âmbito da oração, aquele que suscita nossa oração e que nos faz orar, que conhece a Deus (1Cor 2,11-12) e nos assegura o acesso ao Pai”³⁰¹.

Apoiando-se na experiência paulina, Codina propõe incluir na oração que se eleva ao Pai no Espírito o clamor de toda a criação (Rm 8,22) e de todos os pobres. Segundo ele, esta oração, de modo misterioso, assume o grito da Igreja, que movida pelo Espírito clama: “Vem Senhor Jesus!” (Ap 22,20)³⁰².

O cristão que tem o Espírito já é livre, já é filho, no entanto, continua experimentando na carne a finitude e as resistências ao Espírito, ou seja, a

²⁹⁹ AGOSTINHO. *Confissões*, X, 27-38.

³⁰⁰ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu*, p. 67.

³⁰¹ *Ibid.*, p. 68.

³⁰² *Ibid.*

oposição a Deus e ao Reino. Vive sob os impulsos da carne que se opõem aos impulsos do Espírito. Se vê diante de dois caminhos, da felicidade e da infelicidade, da vida e da morte (Dt 30,15.19) da carne e do Espírito.

Cristão é aquele que escolhe o caminho da vida, deixa-se conduzir pelo Espírito, cujas aspirações se opõem à carne (Gl 5,16-18.25; Rm 8,5-11). Paulo resume essa disposição ao lembrar que uma vida no Espírito deve andar sob o impulso do Espírito (Gl 5,22-23.25). A lei do fiel que está unido a Cristo é o Espírito e o Espírito é Amor. Ser filho de Deus é deixar-se conduzir pelo Espírito de Amor, Espírito de Liberdade.

A vida filial se prolonga em uma existência filial, durante a qual a qualidade de filho se constitui mediante a prática de ações filiais. Pelas escolhas que faz o cristão se constitui filho da luz ou filho das trevas.

Na expressão de M. F. Miranda, o processo de filiação se constitui na orientação profunda de uma vida para Deus, constituída de atos livres de acolhimento do Reino de Deus, ou seja, a orientação profunda é constituída e dependente das opções concretas do fiel em sua filiação³⁰³.

Esse caminho implica privações e tribulações (Rm 8,35) que se inserem na tensão do “já e ainda não” da carne e do espírito. A força do Espírito se afirma na miséria humana (2Cor 4,7). O Espírito é um aliado nesse caminho, um Mestre Interior que nos atrai para o bem e a verdade, chama-nos à conversão.

A vida cristã é caminho de libertação da lei, do pecado e da morte. Víctor Codina acentua que “o Cristianismo não é uma moral, mas uma vida nova, cheia de liberdade, na qual o Espírito age a partir de dentro”³⁰⁴.

A antiga Lei foi substituída pelo Espírito que, movendo a partir de dentro, interpela-nos e nos seduz³⁰⁵. Para os que estão em Cristo só há a lei da liberdade que provém do amor e encontra seu penhor no dom do Espírito que habita os corações: “Onde está o Espírito do Senhor, ali está a liberdade” (2Cor 3,17). Esta liberdade será sempre uma liberdade situada, pois age no interior de uma situação que às vezes possibilita, outras vezes limita o seu exercício³⁰⁶.

A liberdade identifica o fiel conduzido pelo Espírito. É próprio do cristão fazer opções livres. A sua consciência é o último santuário pessoal no qual o ser humano se relaciona com Deus (GS 16)³⁰⁷.

³⁰³ Cf. MIRANDA, M. F. *A salvação de Jesus Cristo*. A doutrina da graça. São Paulo: Loyola, 2004, pp. 99-105.

³⁰⁴ CODINA, V. *No extingáis el Espíritu*., p. 68.

³⁰⁵ TOMÁS DE AQUINO *Apud* CODINA, V. *No extingáis el Espíritu*., p. 68.

³⁰⁶ Cf. MIRANDA, M. F. *A salvação de Jesus Cristo*., pp. 89-97.

³⁰⁷ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu*., pp. 68-69.

A liberdade do Espírito promove a libertação de toda a escravidão e orienta à comunhão. Porém, a mesma liberdade, que qualifica os filhos de Deus, tem o poder de fechar-se ao Reino e extinguir o Espírito.

A ação divina pode ser potencializada ou limitada pela liberdade humana, que tem em suas mãos a possibilidade de retardar ou avançar o restabelecimento da paz, da justiça, da fraternidade.

No entanto, ser cristão é empenhar-se na renovação da face da terra. O Espírito insiste, trabalha silenciosamente até alcançar o coração humano, transformando a sua fé em obras (Tg 2,18). O Sopro dinâmico e vivificador, que formou Jesus Cristo no seio de Maria, forma a Igreja, a santifica e a impulsiona para a missão.

3.5. Na Igreja o Espírito edifica a Nova Jerusalém

A fé é dom de Deus, mas a descoberta do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, não acontece sem a mediação dos outros. “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma pessoa, que dá um novo horizonte à vida, um rumo decisivo” (DCE 1).

Mas, como levar as pessoas a um contato vivo e pessoal com Jesus Cristo, como iniciá-las na vida da comunidade cristã, nas riquezas do Evangelho e fazê-las participar da vida divina, nos sacramentos da iniciação?

É impossível reduzir a fé à aceitação de dogmas e doutrinas, o que faz a iniciação no Mistério imprescindível, pois conhecer Jesus é o melhor presente que se pode receber, encontrá-lo é o que de melhor pode ocorrer em nossas vidas e torná-lo conhecido é a nossa maior alegria (DAp 29). A Igreja se coloca como mediadora da experiência do Mistério, possibilitada pelo Espírito.

3.5.1. Espírito Santo e a iniciação cristã

O Espírito Santo na Igreja primitiva está intimamente vinculado à iniciação cristã³⁰⁸ e à Igreja. Essa mútua dependência se manifesta, claramente, no processo da iniciação cristã, que se estruturou no catecumenato³⁰⁹, no qual a

³⁰⁸ Para aprofundar o tema: CODINA, V.; IRARRAZAVAL, D. *Sacramentos de Iniciação.*, pp. 46-75.

³⁰⁹ Para aprofundar o tema: *Ibid.*, pp. 59-65.

relação entre o Espírito e a Igreja se expressa, sobretudo, nas epicleses, revelando a importância dada ao Espírito Santo na Igreja primitiva.

No dia de Pentecostes, Pedro recomenda o batismo aos ouvintes da Palavra para que recebam o dom do Espírito Santo (At 2,37-38), que está vinculado ao batismo, como se pode observar no caso do eunuco (At 8,26-40)³¹⁰. Às vezes, o Espírito se antecipa ao próprio batismo, como se deu com Saulo (At 9,17-19) e Cornélio, descendo sobre todos que ouviam a Palavra (At 10,47-48).

Nos sacramentos da iniciação cristã, os fiéis recebem o Espírito de adoção filial e celebram o memorial da morte e ressurreição do Senhor (Rm 6,1-11). Libertados do poder das trevas para o reino da luz, se tornam templos do Espírito.

Os sacramentos são um itinerário em que se coloca a exigência do amor incondicional a Cristo. Os sinais que a Igreja celebra expressam a acolhida do Reino, com suas consequências concretas de morte e ressurreição³¹¹.

Na América Latina, a salvação em Deus inclui de libertação na experiência concreta das comunidades que o Espírito suscita, (P 483, 322-327)³¹².

Com o nome *batismo* Codina entende todo o processo da iniciação cristã, a partir da conversão à primeira participação eucarística, passando pelo catecumenato, o batismo e confirmação³¹³, como veremos a seguir.

3.5.1.1.

No batismo³¹⁴, lavados e incorporados à *koinonia*

A fórmula batismal Trinitária surge na comunidade mateana: “Ide e fazei discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19-20). O processo catecumenal e os ritos litúrgicos revelam que desde o início “a Igreja concebia os sacramentos dentro do marco litúrgico da oração da Igreja e da invocação ao Pai, a fim de que enviasse o Espírito santificador sobre os fiéis, reunidos em assembleia”³¹⁵, e não de forma mágica.

A vida que jorra do crucificado nos é transmitida pelo Espírito Santo, incorporando-nos à Igreja. “A invocação, ou epiclese, que pede a Deus que o Espírito desça e fecunde as águas batismais”³¹⁶, as torna sinal sacramental

³¹⁰ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 92.

³¹¹ Cf. Id.; IRARRAZAVAL, D. *Sacramentos de Iniciação.*, p. 22.

³¹² Cf. *Ibid.*, p. 18.

³¹³ Cf. CODINA, V. *Teología y experiencia espiritual.* Santander: Sal Terrae, 1977, p. 49.

³¹⁴ Para uma abordagem histórico-teológica: Id.; IRARRAZAVAL, D. *Sacramentos de Iniciação.*, pp. 76-137.

³¹⁵ CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 93.

³¹⁶ *Ibid.*, p. 93.

eficaz do novo nascimento. A epiclese batismal expressa a relação íntima que existe entre a Igreja e o Espírito, fonte e raiz de toda a vida cristã³¹⁷.

Olhai, ó Pai a vossa Igreja e fazei brotar para ela a água do Batismo. Que o Espírito Santo dê por esta água a graça de Cristo, a fim de que o homem e a mulher, criados à vossa imagem, sejam lavados da antiga culpa pelo Batismo e renasçam pela água e pelo Espírito Santo para uma vida nova. Nós vos pedimos, ó Pai, que por vosso Filho desça sobre esta água a força do Espírito Santo. E todos os que, pelo Batismo, forem sepultados na morte com Cristo ressuscitem com ele para a vida³¹⁸.

Pela água e pelo Espírito somos remidos, regenerados, lavados, purificados, renascidos (At 2,38; Tt 3,5; Jo 3,5) e integrados ao Povo de Deus que caminha em marcha para a realização das promessas (At 2,39).

A incorporação à Igreja é o primeiro efeito da imersão nas águas batismais (At 2,41; 1Cor 12,12-13; Ef 4,5-6), assinalada pelo selo da unção:

Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que vos libertou do pecado e vos deu uma vida nova pela água e pelo Espírito Santo, unge-vos com o crisma da salvação, para que, reunidos ao seu povo, permaneçais, eternamente, membros de Cristo sacerdote, profeta e rei³¹⁹.

Victor Codina se pergunta como atualizar no Continente latino-americano a passagem da morte para a vida, celebrada no batismo? Deve-se limitar a uma experiência mística pessoal, sem tradução histórica?³²⁰

A conversão cristã requer não apenas lágrimas de arrependimento, mas também solidariedade com os que choram. Não apenas discernimento interno dos espíritos, mas também discernimento dos sinais dos tempos. Não apenas mudança de coração, mas também de estruturas. Não apenas penitência individual, mas também colaboração para tirar o pecado do mundo. Essa vida nova do batizado deve encontrar expressões concretas e históricas de *koinonia*³²¹.

Na América Latina, o compromisso batismal implica solidariedade para com o povo pobre e oprimido e ruptura para com as causas de toda opressão³²².

³¹⁷ Cf. *Ibid.*, p. 94.

³¹⁸ Parte da epiclese batismal, usada na Igreja primitiva e conservada na liturgia sacramental.

³¹⁹ Oração de unção com o óleo do crisma no ritual do batismo, conforme o Ritual Romano.

³²⁰ CODINA, V.; IRARRAZAVAL, D. *Sacramentos de Iniciação.*, p. 112.

³²¹ *Ibid.*, p. 114-115.

³²² Cf. *Ibid.*, p. 118.

3.5.1.2. No crisma, unguídos pelo Espírito

Na Igreja nascente, os fiéis são iniciados à vida cristã mediante o catecumenato, que culminava na Vigília Pascal, durante a qual eram ministrados os três sinais da graça de Deus, a água, o óleo e o pão.

A unção³²³ com o óleo santo e perfumado (consagrado pelo bispo mediante a epiclesse) e a imposição das mãos³²⁴ constituem o núcleo fundamental, que a Igreja latina chamará de sacramento da Confirmação³²⁵.

Com a expansão do cristianismo e por razões pastorais, a unção e a imposição das mãos, já nos primeiros séculos, constituem um ritual separado do banho batismal e reservado ao bispo³²⁶.

No AT a unção era uma consagração que conferia o dom do Espírito a reis, sacerdotes e profetas, capacitando-os a realizar o plano de Deus de justiça e salvação dos pobres³²⁷. A infidelidade dos consagrados, porém, leva o profetismo de Israel a anunciar a vinda do Messias. Ungido no Jordão (Lc 3,21-22), na força do Espírito, Jesus anuncia o Evangelho aos pobres e a libertação aos cativos (Lc 4,14-22), dando início à era messiânica que tem seu ápice em sua morte e ressurreição. Porém, não termina ali, prolonga-se na comunidade cristã que, unguida pelo mesmo Espírito de Jesus (LG 9-12), compromete-se com o direito e a justiça, a construção do Reino.

A Confirmação expressa seu sentido pleno quando integra sua dimensão batismal, eclesial e pneumática³²⁸. Hoje, a Igreja se empenha em recuperá-lo ao retomar o discurso da iniciação cristã e do catecumenato (SC 65-71; AG 14).

O Concílio Vaticano II resgata sua íntima relação com o batismo ao prescrever que sua celebração seja precedida pela renovação das promessas batismais (SC 71). Sua interdependência explica a ausência no Oriente de um ritual próprio e de uma teologia autônoma da Confirmação³²⁹, que até hoje,

³²³ A unção confere aos reis de Israel a força e o vigor do Espírito para o exercício do direito e da justiça (*mispal wesedaqah*). A unção se estendeu aos sacerdotes e profetas (Is 42,1-3; 61), que assumem as funções que os reis não cumprem (cf. CODINA, V. *No extingais el Espíritu.*, p. 95).

³²⁴ A imposição das mãos nas Escrituras e na liturgia indica a transmissão de um poder, de uma força ou de algum direito. No rito da confirmação, o gesto acompanha a invocação dos dons do Espírito que correspondem aos dons que o Espírito de lahweh derramou sobre o Messias (Is 11) (cf. CODINA, V.; IRARRAZAVAL, D. *Sacramentos de Iniciação.*, Vozes, 1991, p. 124-125).

³²⁵ Cf. CODINA, V. *No extingais el Espíritu.*, p. 94.

³²⁶ Para aprofundar o tema: CODINA, V.; IRARRAZAVAL, D. *Sacramentos de Iniciação.*, pp. 119-136.

³²⁷ Cf. *Ibid.*, p. 127.

³²⁸ Cf. CODINA, V. *No extingais el Espíritu.*, p. 95.

³²⁹ Assim o definem os teólogos como H. Küng e Amongou Atangana, opinião compartilhada por Victor Codina (Cf. *Ibid.*, p. 95).

ministra os três sacramentos da iniciação unidos³³⁰. O batismo, que inclui o banho, a unção e a imposição das mãos, introduz e integra o catecúmeno à comunidade eclesial e à iniciação eucarística³³¹.

O Concílio resgata a dimensão eclesial, definida em Pentecostes, ao afirmar que pela confirmação os fiéis vinculam-se à Igreja e, com a força do Espírito, se comprometem a testemunhar Jesus Cristo com a vida e a palavra (LG 11; AG 11 e AA 3) e, portanto, com a missão de Jesus (Mt 28,19).

Os gestos da unção e da imposição das mãos, a Palavra proclamada e os atos litúrgicos próprios, explicitam todo o realismo de sua relação com o Espírito e a Igreja. O bispo, ao impor as mãos invoca: “[...] Concede que o Espírito repouse sobre eles: Espírito de sabedoria e de entendimento; Espírito de conselho e de força interior; Espírito de conhecimento e de piedade; e que sua alegria esteja no temor do Senhor. Amém”³³². A fórmula faz referência clara ao Espírito: “N., recebe por este sinal o dom do Espírito”.

Frente a este dualismo sacramental, Víctor Codina levanta questões. Afinal, por que a confirmação? Será que o batismo não confere o Espírito, sem o qual não há perdão de pecados nem filiação divina? O batismo introduz na Igreja e compromete a viver plenamente as exigências evangélicas?³³³

O autor recorre a Y. M. Congar para explicar a prática pastoral ocidental, a partir da sua teologia trinitária³³⁴. Congar aplica a teologia irineana das missões do Filho e do Espírito, as *duas mãos* do Pai, correlacionando os dois sinais sacramentais do batismo e da confirmação, o banho e a unção. Nessa lógica, o batismo nos insere na missão do Filho e nos coloca no horizonte da filiação divina, do discipulado; enquanto a confirmação nos insere na missão do Espírito que nos coloca no horizonte da missão eclesial³³⁵.

O batismo torna presente a missão do Filho, que por sua vida, morte e ressurreição, nos dá a vida nova e liberta-nos do pecado (Rm 6).

E o Espírito, que preparou e orientou a vida de Jesus, constitui o dom pascal, do qual nasce a Igreja³³⁶.

Na Igreja latina, a sacramentalidade eclesial e cristológica, tem um sentido particular: “o Cristo pobre e evangelizador dos pobres (LG 8) é o sacramento

³³⁰ Cf. CODINA, V. *Los caminos Del Oriente Cristiano.*, p. 116.

³³¹ Cf. *Ibid.*, p. 115.

³³² Codina chama a atenção para o fato de que nesta oração se recorra aos dons do Espírito que aparecem em Is 11,1-2, mas não se menciona os dons do Espírito que tem relação com a justiça para com os fracos (Is 11,3-5) ou com a harmonia e a reconciliação cósmica (Is 11,6-9) da nova criação. (cf. Id. *No extingáis el Espíritu*, p. 96).

³³³ Cf. *Ibid.*, p. 97.

³³⁴ Cf. CONGAR, Y. M. *Apud* CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 97.

³³⁵ Cf. CODINA, V. *Op.cit.*, p. 97.

³³⁶ Cf. *Ibid.*, p. 97.

histórico de Deus e prolonga sua sacramentalidade na Igreja dos pobres, que opta prioritariamente por eles³³⁷.

Essa perspectiva desafia a iniciação cristã a inserir-se no mistério do Cristo pobre, agregar-se à Igreja dos pobres, uma efusão do Espírito que ungiu Jesus e o levou a evangelizar os pobres.

Os sacramentos são momentos litúrgicos da celebração eclesial da solidariedade de Jesus e dos cristãos com os pobres e com o clamor dos pobres³³⁸. Para Codina, a separação entre batismo e confirmação é um dos motivos porque a pneumatologia ficou obscurecida no Ocidente³³⁹.

Diante dos questionamentos pastorais relacionados à iniciação cristã, cresce entre os teólogos o consenso de uma liberdade maior quanto à idade do batismo, que favoreça a prática de um batismo maduro e consciente, resgatando progressivamente o catecumenato primitivo e a unidade da iniciação cristã.

É preciso escutar e discernir as vozes que postulam a reestruturação da iniciação cristã para responder melhor ao atual contexto social e eclesial e ver nelas a presença do Espírito, que clama por uma Igreja diferente e renovada³⁴⁰.

Deixar-se conduzir pelo Espírito é uma aventura que requer capacidade para acolher a novidade do Espírito que, em cada tempo e lugar, às vezes desestabiliza e gera insegurança³⁴¹.

O Espírito manifesta a sua fecundidade em meio às condições adversas, onde faz brotar a vida e a esperança³⁴².

3.5.1.3. Na eucaristia, alimentados com o pão da vida

A invocação ao Pai, pedindo a efusão do Espírito, tem na celebração eucarística seu ponto culminante. “Na Eucaristia o Espírito atualiza o mistério pascal (SC 47) e continua a ação de Pentecostes”³⁴³.

A partir das controvérsias medievais, sobre a presença real de Cristo na Eucaristia, os católicos concentram todo o sentido eucarístico na presença real e desenvolvem uma série de devoções que reforçam essa perspectiva. A consagração ganha centralidade com grande ênfase à elevação das espécies do

³³⁷ CODINA, V.; IRARRAZAVAL, D. *Sacramentos de Iniciação.*, p. 67.

³³⁸ Cf. CODINA, V. *Seguir Jesus hoje*. da modernidade à solidariedade. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 28.

³³⁹ Id. *No extingáis el Espíritu.*, p. 98.

³⁴⁰ Cf. *Ibid.*, p. 101.

³⁴¹ *Éschatos* (do grego εσχάτος) significa: último de uma série, fim de uma era, extremo de uma jornada, ponto final de um acontecimento, meta, alvo a ser atingido.

³⁴² CODINA, V.; IRARRAZAVAL, D. *Sacramentos de Iniciação.*, p. 135.

³⁴³ *Ibid.*

pão e do vinho, enquanto os aspectos comunitários, e a própria comunhão sacramental, tornam-se secundários. Estas teologias e práticas, porém, não abrangem o sentido pleno que a eucaristia teve na Igreja primitiva como celebração da comunidade eclesial que atualiza o sacrifício de Jesus e se constitui, ela própria, no corpo de Cristo³⁴⁴. O relato memorial dos gestos e palavras de Jesus na última ceia adquire valor absoluto e se constitui no elemento essencial para a consagração³⁴⁵.

A Igreja no segundo milênio deixa de ser corpo real de Cristo para ser corpo místico de Cristo, enquanto a eucaristia deixa de ser corpo místico de Cristo para ser corpo real de Cristo³⁴⁶. Ao realismo eclesial do primeiro milênio segue o realismo sacramental do segundo³⁴⁷. Com a perda da dimensão comunitária, a Eucaristia converte-se em uma devoção individual. No ocidente, esta teologia está vinculada à teologia do ministério ordenado que age de forma indicativa e identifica o presbítero com Cristo (*in persona Christi*); forma inconcebível para o Oriente, que dá primazia às dimensões comunitárias e eclesiais dos sacramentos, fiel à teologia primitiva. O ministro dos sacramentos age de forma deprecativa, em nome da comunidade eclesial (*in persona ecclesiae*)³⁴⁸ e a centralidade é da epiclese, pois “o Espírito Santo é quem revela o pão e o vinho como corpo e sangue de Cristo”³⁴⁹.

O Concílio Vaticano II reintegra as duas dimensões, a cristológica (*in persona Christi*) e a pneumatológica (*in persona ecclesiae*) ao explicitar a epiclese na oração eucarística latina. Afirma que o relato institucional e a epiclese são elementos constitutivos da eficácia sacramental, não podendo mais identificar o momento exato da presença real, que já é real desde o momento em que a comunidade se reúne em seu nome (Mt 18,20) e se intensifica na liturgia da Palavra, tornando-se plena na oração eucarística em sua totalidade, que culmina na comunhão³⁵⁰.

As orações eucarísticas pós-conciliares expressam o sentido pleno da Eucaristia com a dupla epiclese, que invocam a ação do Espírito Santo sobre os

³⁴⁴ Cf. NEUNHEUSER, B. *Apud* CODINA, V. *Seguir Jesus hoje*, p. 149. CASTILLO J.M. *Apud* CODINA, V. *Seguir Jesus hoje*, p. 149.

³⁴⁵ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu*, p. 102.

³⁴⁶ Cf. *Ibid.*

³⁴⁷ Cf. *Ibid.*

³⁴⁸ Na forma *in persona ecclesiae* o celebrante diz: *Fulano, és batizado; que Deus te perdoe; que o Espírito Santo desça sobre a comunidade e seus dons* (Cf. *Ibid.*, p. 103).

³⁴⁹ A. SCHMEMANN *Apud* CODINA, V. *Los caminos del Oriente Cristiano*, p. 115.

³⁵⁰ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu*, p. 104.

dons do pão e do vinho e a efusão do Espírito sobre a comunidade, corpo eclesial de Cristo³⁵¹.

O Espírito, além de tornar presente o Ressuscitado, forma a sua comunidade, seu corpo eclesial na história³⁵². O sentido primordial da Eucaristia está em reunir os fiéis em um só corpo, ou seja, “a Igreja faz a Eucaristia e a Eucaristia faz a Igreja”³⁵³.

O ministro, que organiza e rege o povo sacerdotal, oferece o sacrifício eucarístico na pessoa de Cristo (*in persona Christi*) e em nome de todo o povo (*in nomine totius populi*), afirma o Concílio (LG 10).

O Espírito que unifica e edifica o corpo de Cristo também engendra os Novos Céus e a Nova Terra (GS 39). Por isso, Codina sugere que além da dupla epiclese, acrescente-se uma terceira invocação ao Espírito para que se apresse em transformar a história e a criação, antecipando a transfiguração escatológica³⁵⁴.

3.5.2.

O Espírito distribui carismas e edifica a Igreja

Ao identificar as evidências pneumáticas nos Escritos Sagrados, destacamos algumas referências aos dons e carismas, distribuídos ao Povo de Deus, em vista de sua salvação. No AT, os carismas são dados especialmente aos que recebem a missão de cuidar, guiar, ensinar, orientar o povo; àqueles que estão a serviço do povo, impelindo-os, defendendo-os, encorajando-os, iluminando suas decisões, concedendo-lhes sabedoria e inspirações.

O texto de Is 11,1-2 sintetiza a ação da *Ruah* de lahweh que conduz o povo à Terra Prometida, através dos dons do seu Espírito, que serão derramados sobre o Messias para salvar Israel. Joel faz referências à efusão do Espírito sobre toda a carne (Jl 3,1), como de fato, se realiza em profusão no dia de Pentecostes (At 2).

³⁵¹ Cf. *Ibid.* A Oração Eucarística II apresenta a dupla epiclese com estes termos: “Santificai, pois, estas oferendas, derramando sobre elas o vosso Espírito, a fim de que se torne para nós o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor Nosso” e “E nós vos suplicamos que, participando do Corpo e do Sangue de Cristo, sejamos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo” (Cf. MISSAL ROMANO. 7. ed. São Paulo: Paulus, 1992, pp. 477-479)

³⁵² Cf. CODINA, V. *Op.cit.*, p. 105.

³⁵³ 48° Congresso Eucarístico Internacional. *A Eucaristia, luz e vida do novo milênio*. Texto base. México, 2004, n. 47.

³⁵⁴ Cf. *Ibid.*, p. 106.

No NT, Paulo trata da riqueza dos carismas do Espírito (1Cor 12-14; Rm 12,1-8; 16,1 e Ef 4,1-16), referindo-se a eles como dons do Espírito, diaconias ou serviços, energias ou ações do Espírito, carismas ou dons da graça³⁵⁵.

Para o Apóstolo, esses fatos pneumáticos manifestam o poder divino que edifica o corpo eclesial de Cristo (1Cor 14,12). Cada membro recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos (1Cor 12,7). Conforme santo Hilário e são Cirilo de Alexandria, trata-se do Espírito Santo agindo de diversas maneiras³⁵⁶.

A efusão do Espírito, experimentada por Paulo no caminho de Damasco, é dom do Ressuscitado a serviço da comunidade³⁵⁷. O governo apostólico eclesial é carisma do Espírito a serviço da Igreja (1Ts 5,19-21). E se os bispos recebem o carisma institucional e sacramental na sucessão apostólica, é preciso lembrar que os profetas e doutores também são sucedidos³⁵⁸.

Na hierarquia paulina dos carismas, depois dos apóstolos (1Cor 12,28-29) vem os profetas que, em nome do Espírito, falam exortam, consolam, edificam, explicam as Escrituras e testemunham a ressurreição (1Cor 14,24-25).

Outros carismas estão vinculados aos dons de sabedoria e inteligência, como os doutores encarregados do ensinamento (1Cor 14,6-19), a fé em grau extraordinário, o discernimento dos espíritos, os serviços caritativos, o dom dos milagres, das curas, da assistência, das línguas (1Cor 12,9-10; 28-30)³⁵⁹. Mas, entre todos, exalta a superioridade da caridade (1Cor 13).

Para a comunidade de Corinto, dada ao carismatismo, Paulo fundamenta sua eclesiologia na doutrina da Igreja como corpo de Cristo, formada por muitos membros para o bem de todos (1Cor 12,12-30), e define princípios para o discernimento dos carismas: a centralidade da Palavra, a confissão de Jesus como único Senhor (1Cor 12,3), a liberdade do Espírito (1Cor 12,11-13) e a sua utilidade comunitária (1Cor 12,27-30). Há pluralidade de dons, mas um só Senhor, um só corpo, uma só fé, um só Batismo, um só Espírito (Ef 4,1-6).

Com o montanismo (séc. III), dado ao rigor ascético e ao entusiasmo carismático, à margem da hierarquia, *carisma* passa a ser algo suspeito e perigoso. Apesar das desconfianças, o Espírito continua derramando seus carismas, a serem discernidos à luz dos critérios bíblico-eclesiais, estabelecidos para que o Espírito não seja ignorado, nem extinto (1Ts 5,19-21; 1Jo 4,1s; 1Cor

³⁵⁵ Cf. *Ibid.*, p. 107.

³⁵⁶ SANTO HILÁRIO *Apud* CONGAR, Y. Ele é o Senhor e dá a vida., pp. 184-185.

³⁵⁷ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 107.

³⁵⁸ Cf. H. KÜNG *Apud* CODINA, V. *Teología y experiencia espiritual.*, p. 71).

³⁵⁹ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 108.

12,10), cabendo, sobretudo, aos pastores discernir sua natureza e conveniência eclesial (LG 4; 12; AA 3).

A teologia dos carismas, retomada pelo Concílio Vaticano II, esclarece que o Espírito, que *sopra onde quer* (Jo 3,8), não se limita a santificar e dirigir o Povo de Deus pelos sacramentos e ministérios, mas distribui aos fiéis dons particulares, conforme *lhe apraz* (1Cor 12,7), como a “bons dispensadores da multiforme graça de Deus” (1Pd 4,10), em vista do Corpo de Cristo (Ef 4,16).

3.5.2.1. Uma Igreja ministerial, animada pelo Espírito

O acontecimento de Pentecostes (At 2,5-7) restaura a unidade perdida em Babel (Gn 11,1-9) e coloca-nos diante do Espírito que sopra onde quer (Jo 3,8), suscitando a pluralidade das comunidades eclesiais.

No início, elas tinham liberdade e autonomia para celebrar seus sínodos e concílios regionais e formular suas teologias, contrastando com uma teologia e práxis eclesial, uniformes e centralizadas, do segundo milênio.

O resgate da eclesiologia das Igrejas locais, própria da Tradição Bíblica, patrística e eclesial do primeiro milênio, realizada pelo Concílio Vaticano II, se insere no âmbito da recuperação pneumática da Igreja.

Nesse horizonte, a Igreja universal não é a soma de Igrejas locais, mas a comunhão de todas elas (Ef 4,1-6; Rm 16, 12.23; Cl 1,24), uma Igreja de Igrejas, uma porção do povo de Deus que tem à frente um pastor que, fortalecido pela colegialidade episcopal, exerce o pastoreio em comunhão com o bispo de Roma. Porém, o Concílio não resgatou, a práxis primitiva da eleição episcopal que contava com participação da comunidade local³⁶⁰. O desaparecimento dessa práxis, conforme J.M.R. Tillarde, é uma ferida na verdade eclesial da diaconia³⁶¹.

É verdade que a Igreja local não esgota toda a eclesialidade, mas enquanto se fortalece como Igreja local, também se abre à universalidade eclesial. Segundo Codina,

por trás da eclesiologia da Igreja local, de sua autonomia e liberdade, de sua própria teologia, liturgia, espiritualidade e inculturação pastoral, esconde-se uma pneumatologia que defende a ação livre e concreta do Espírito de Pentecostes, que respeita as diferenças e as diversidades de ser e de viver do único mistério pascal de salvação de Jesus Cristo, o Senhor, na unidade da fé e da comunhão eclesial³⁶².

³⁶⁰ Cf. *Ibid.*, p. 120.

³⁶¹ Cf. SCHATZ, K. *Apud* CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 120.

³⁶² Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 122.

O autor reconhece as dificuldades para superar modelos, confiar na força recriadora do Espírito e fazer com que a eclesiologia da Igreja local saia dos documentos. O Magistério eclesial, sem dúvida, é uma necessidade (LG 25), mas, é preciso lembrar que junto ao Magistério hierárquico (*cathedra pastoralis*) existe a cátedra dos teólogos e doutores (*cathedra magistralis*)³⁶³, que tem função complementar, devendo-se levar em conta o Magistério dos santos, dos mártires, dos profetas, de homens e mulheres que a partir de sua experiência espiritual revelam dimensões inéditas da fé³⁶⁴.

Codina avança ao valorizar o magistério popular dos pobres, simples e pequenos, aos quais foram revelados os mistérios do Reino (Lc 10,21).

É possível avançar na compreensão do mistério profundo de Deus com a contribuição de todos, pois o Espírito conduz todos à verdade plena. Colocar limites à manifestação do Espírito, através de uma só teologia, é extingui-Lo.

Nesse horizonte, nos deparamos com os cristãos das origens, que assíduos aos ensinamentos dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações, vendiam seus bens e dividiam entre eles, segundo a necessidade de cada um (At 2,42-46). Era inconcebível que um membro da comunidade passasse necessidade. A palavra do Senhor era anunciada e o número dos discípulos crescia (At 6,7; 19,20).

No entanto, a Reforma Gregoriana proíbe aos fiéis de anunciar a Palavra e aos poucos vão sendo desqualificados até se tornarem um *silencioso ouvinte*, distante da hierarquia, limitados a cumprir suas ordens, conduzidos como dócil rebanho. O Concílio Vaticano II faz um grande esforço para recuperar a originalidade eclesial que ficou para trás e os leigos são reabilitados (LG; AA).

Sua missão é reconhecida e seu espaço de ação definido. Admite-se que o Espírito Santo distribui aos fiéis dons, carismas e graças especiais, que lhes confere o direito e o dever de atuar na Igreja e no mundo, segundo o Espírito lhes concede, em comunhão com seus pastores (AA 3).

Na *Conferência de Puebla*, o leigo há de ser "homem da Igreja no coração do mundo e homem do mundo no coração da Igreja" (P 787).

João Paulo II, na exortação pós-sinodal *Christifideles Laici* (1988), amplia a compreensão e a explicitação do ser e da missão laical na Igreja. É preciso avançar para que a estrutura eclesial considere o dinamismo e os carismas que

³⁶³ QUODLIBERT III *Apud* CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 113.

³⁶⁴ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 113.

o Espírito difunde nos fiéis em vista de sua missão profética, sacerdotal e régia, como legado batismal³⁶⁵.

Evitando toda forma de clericalismo e de reducionismo intraeclesial, Santo Domingo fala do *protagonismo dos leigos* na evangelização e na promoção humana (SD 97). Trata-se de abrir as portas à sua participação, conforme os dons que o Espírito derrama e faz desabrochar na diversidade de ministérios que enriquece a Igreja.

Aparecida ressalta a corresponsabilidade laical na missão, afirmando que “os leigos devem participar do discernimento, da tomada de decisões, do planejamento e da execução” (DAP 371), no âmbito da Igreja Particular, e que o campo de sua ação é o das realidades onde vivem e trabalham.

3.5.2.2.

Vida Religiosa e a primazia de Deus

A Vida Religiosa situa-se dentro da estrutura carismática da Igreja, intimamente relacionada com a sua vida e santidade (LG 44,3; AG 18,1.3) como dom do Espírito à Igreja e sinal dos valores evangélicos e transcendentais do Reino de Deus (LG 44,2; PC 1,1; GS 38,1)³⁶⁶. Enquanto a Igreja redescobre a sua dimensão pneumatológica e carismática, também, reflete teologicamente sobre a vida religiosa e sua função, compreendida como dom divino à Igreja (LG 43,1)³⁶⁷.

A Exortação pós-sinodal *Vita Consecrata* avança em relação ao Vaticano II, quando diz que a dimensão profética da vida religiosa se manifesta na “primazia de Deus e dos valores evangélicos na vida cristã” (VC 84)³⁶⁸.

Entre a instituição eclesial e a novidade do Espírito há sempre uma tensão que deve ser gerenciada pelo diálogo e a comunhão. A vida religiosa, embora apreciada pela hierarquia eclesiástica de todos os tempos, tem sua história e teologia marcadas pelo controle eclesiástico. Segundo o autor, ela é mais valorizada pela sua funcionalidade do que pelo seu carisma místico-profético, que faz dela uma “profecia viva do Reino de Deus na Igreja e no mundo”³⁶⁹.

A vida religiosa, por sua natureza carismática, é imprevisível, imaniplável e desconcertante³⁷⁰. Constitui-se em uma crítica evangélica à sociedade e à

³⁶⁵ *Ibid.*, p. 110.

³⁶⁶ CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 110.

³⁶⁷ Cf. *Id. Seguir Jesus hoje.*, p. 144.

³⁶⁸ Cf. *Id.* Testemunho profético diante dos grandes desafios. In *CRB. Fidelidade criativa*. São Paulo: Loyola, 1997, pp. 57-68.

³⁶⁹ *Ibid.*, p. 58.

³⁷⁰ *Id. Creo en El Espíritu Santo.*, 1994, p. 227.

própria Igreja, e surge como profecia em tempos de crise, de mudanças culturais, sociais e eclesiais.

É difícil avaliar hoje o impacto evangélico causado pela marcha dos monges para o deserto à Igreja constantiniana, o estilo eclesial fraterno e pobre dos mendicantes para a Igreja medieval, e as iniciativas dos religiosos no campo da cultura, da caridade, da evangelização e da missão para a Igreja moderna³⁷¹.

Sua profecia é essencialmente simbólica, ou seja, a própria vida religiosa em si é sinal profético e ícone do Reino, que na América Latina é mais transparente em sua forma inserida, que responde ao clamor dos pobres. Daqui se deduz sua “conaturalidade com o deserto, a margem e a periferia”³⁷².

No contexto latino-americano, onde as sombras se estendem, a vida religiosa capta um autêntico sinal dos tempos, um *kairós*. Redescobre sua tradicional dimensão profética de sentinela vigilante da história e vai para o deserto, para a margem e para a fronteira, onde o Espírito faz surgir uma nova criação³⁷³.

Movida pelo Espírito, escuta o clamor dos pobres e redescobre seu potencial evangelizador, que a leva a passar da inserção à inculturação, de uma cristologia nazarena a uma pneumatologia nazarena, de fazer coisas pelos pobres a acompanhar seu processo de libertação³⁷⁴.

Ao longo da história o Espírito Santo suscita novas leituras da Palavra de Deus, faz emergir novos sentidos, questionamentos e chamados, e desperta o desejo de responder com novas formas de seguimento³⁷⁵.

3.5.2.3.

Renovação no Espírito, promessas e interrogações

Entre tantas formas religiosas, que surgem em toda parte em busca do sagrado, nos deparamos com o pentecostalismo, nas Igrejas evangélicas, e com a Renovação Carismática, na Igreja católica³⁷⁶. Esses movimentos se consolidam a partir da experiência direta e pessoal de Deus no Espírito, denominada “batismo no Espírito”, normalmente acompanhada de fenômenos espetaculares ligados à glossolalia e às curas. Os que fazem esta experiência

³⁷¹ Cf. Id. *Seguir Jesus hoje.*, pp. 225-226.

³⁷² CODINA, V. *Creo en El Espíritu Santo.*, p. 228.

³⁷³ Cf. Id. *Seguir Jesus hoje.*, p. 266-237.

³⁷⁴ Id. *Creo en El Espíritu Santo.*, p. 229.

³⁷⁵ Cf. Id. *Seguir Jesus hoje.*, p. 220.

³⁷⁶ A Renovação Carismática nasceu imediatamente após o Concílio (1966), nos Estados Unidos, onde um grupo de católicos experimenta de forma viva a presença do Espírito em sua vida, expandindo-se imediatamente com toda força pelos Estados Unidos, Europa, América Latina e para o mundo todo.

sentem-se renovados, convertidos, curados, transformados, regenerados, cheios de alegria e gozo até então desconhecidos³⁷⁷.

O Oriente, que mantém viva a consciência da ação do Espírito em sua teologia, eclesiologia, liturgia, espiritualidade e pastoral, desconhece o fenômeno³⁷⁸, que para a Igreja latina resulta positivo enquanto supera o cristomonismo e se abre à dimensão do Espírito³⁷⁹, assume a dimensão carismática, redescobre a importância da experiência espiritual e do dom do Espírito³⁸⁰, questiona a impessoalidade das nossas comunidades, o ritualismo, o intelectualismo, a falta de afetividade nas celebrações, o clericalismo, o esquecimento do Espírito e a indiferença diante dos problemas humanos.

Codina alerta para o perigo de um pneumatomonismo que prescindia de Jesus Cristo³⁸¹, pouco sensível ao projeto do Reino de Deus, à comunidade eclesial e aos pobres, os prediletos de Jesus³⁸².

Fato é que estes movimentos, de origem elitista, pouco sensível à dimensão social, alcançam as camadas mais pobres e populares e lhes oferecem refúgio espiritual. Mas “a mão do Espírito há de estar sempre unida à do Filho encarnado em Jesus de Nazaré”³⁸³, observa o autor.

O pentecostalismo irrompe das massas urbanas e populares, até então sem relevância histórica e eclesial, e permite que se expressem dentro de sua cultura de marginalizados, fato que nos coloca diante de um novo sinal dos tempos³⁸⁴.

Muitas são as controvérsias e críticas que a tendência pneumatocêntrica tem suscitado. Codina evidencia o fenômeno como um verdadeiro sinal dos tempos que desafia a Igreja hoje. Como assumir os seus aspectos positivos, superar os seus riscos e purificar suas ambiguidades?³⁸⁵ Uma resposta sapiencial exige um aprofundamento adequado.

O fenômeno dos novos movimentos eclesiais ganha força e tem apoio hierárquico. Para muitos é “a Igreja do futuro e uma alternativa à vida religiosa de outras épocas”³⁸⁶. De fato, é surpreendente o protagonismo dos leigos, a sintonia com o mundo moderno e secular, o uso dos meios modernos de comunicação na evangelização, a formação dos membros, os vínculos

³⁷⁷ Cf. Id. *Creo en El Espíritu Santo.*, p. 138-139.

³⁷⁸ Cf. Id. *No extingáis el Espíritu.*, p. 115.

³⁷⁹ Cf. *Ibid.*

³⁸⁰ Pode-se aprofundar o tema em: CONGAR, Y. *Ele é o Senhor e dá a vida.*, pp. 195-298.

³⁸¹ CODINA, V. *Creo en El Espíritu Santo.*, p. 140.

³⁸² *Ibid.*, p. 193.

³⁸³ Cf. Id. *No extingáis el Espíritu.*, p. 116.

³⁸⁴ Cf. COMBLIN, J. *Apud CODINA, V. Creo en El Espíritu Santo.*, p. 141.

³⁸⁵ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 115.

³⁸⁶ *Ibid.*, p. 117.

comunitários, a mística cultivada segundo o carisma e o talento do fundador, os frutos de vida cristã no povo e a fecundidade missionária³⁸⁷.

A presença do Espírito nestes movimentos não pode ser negada, mas, em muitos casos, Codina chama a atenção para o contraste entre o moderno estilo de vida e a teologia muito conservadora, a verticalidade e a rigidez das normas e o fechamento à pastoral de conjunto. Estes elementos colocam-nos diante de uma realidade interpeladora, que aponta mais para uma nova cristandade do que para uma Igreja do Concílio Vaticano II.

Alguns teólogos latino-americanos observam que, em grande parte, os novos movimentos têm origem nos países do Norte e gozam de meios econômicos e intelectuais privilegiados. Seus membros são da classe média e alta, pouco sensíveis às questões sociais, aos problemas da injustiça e da pobreza³⁸⁸, dados que inquietam uma Igreja libertadora.

O Espírito, qual vento, sopra onde quer. A presença do Espírito de Jesus se agita no coração de cada pessoa e a impulsiona à plenitude da filiação divina, para a qual toda a humanidade é chamada em Cristo Jesus. Este Espírito está também na Igreja latino-americana, onde irrompem os pobres.

³⁸⁷ *Ibid.*

³⁸⁸ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 117.